EM FÉRIAS

A assinante n.º 1 do Boletim da M. P. F.

SUMÁRIO

FÉRIAS
DE MANHÃSINHA
CONCURSO
AMORES
A CONTEMPLAÇÃO DA NATU-
REZA — FONTE DE ALEGRIA
REFEIÇÕES AO AR LIVRE
RAPARIGAS DE ONTEM
NOTÍCIAS DA M. P. F.
O PAGEM DE ARÉVALO
ATENÇÃO COM AS CRIANÇAS!
FÉRIAS NA CIDADE
QUE RUMO DAR À MINHA VIDA?
MODAS
VERDADES
LENO, PRINCEZINHA DO AR
APRENDE A SER FELIZ
PARA LER AO SERÃO
(Alegrias e tristezas, Conversas e Chá da Costura)
BALÕES

Assinatura ao ano 12$00 Escudos — Número avulso 1$00 Escudo

Tranquilidade

Foto: *Gasparian*

N.os 87-88
JULHO
AGOSTO
1946

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, T. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

FÉRIAS

As férias devem ser tempo de descanso e alegria que renovem o organismo cansado e o espírito talvez saturado de preocupações e aborrecimentos.

Mas nem a imobilidade é necessária ao descanso, (a não ser por doença) nem aquilo a que se chama *prazer* (divertimentos, etc.) é indispensável à alegria.

Seria um erro, com a ideia de repousar, passar as férias numa moleza anti-higiénica; mas também seria errado vivê-las em perpétuo movimento e num turbilhão de prazeres.

O *prazer* não é uma coisa convencional, com um rótulo mundano a garanti-lo.

Há prazeres íntimos, familiares, que não devemos desprezar nas nossas férias, embora frequentemos certas distracções legítimas.

Procuremos *gozar* a presença dos nossos. A conversar com os crescidos, a brincar com os pequenos, a amimar os vèlhinhos, pode-se colher tanta alegria!

Algumas casas de campo possuem uns bancos rústicos que eu acho enternecedores: uma tosca tábua sobre quatro paus, debaixo duma latada encostada à casa, ou assente sobre dois cepos de alguma velha árvore já morta...

Ali se sentaram os nossos Avós, quando o frio da velhice lhes fazia apetecer o sol... Ali se sentaram o nosso Pai a ler o jornal e nossa mãe a costurar... Ali nos sentámos nós, talvez para segredar confidências às nossas amigas...

E o velho banco, sempre acolhedor, parece-nos fazer parte da família!

Arranja no teu jardim ou na tua quinta um banco assim. Habitua-te a êle e encaminha para lá os teus. Como se está bem à sombra da nossa casa ou de árvores que desde criança conhecemos!

Julgas que passados 20 ou 30 anos ainda te lembrarás dos casinos em que dançaste e dos *garden-party* em que te divertiste?!

Mas eu te afianço que passados 20 ou 30 anos o pobre banco rústico, por longe que dele estejas, te lembrará sempre! E sempre que voltares a sentar-te nele, terás saudades do passado, de que ele é uma relíquia.

Mas, então, as alegrias da intimidade serão as melhores?! Sim, são as melhores. Não as desprezes. Nem tu sabes como ficarás pobre se não enriqueceres com elas a tua mocidade!

Não ponhas de lado a família nas tuas férias, como *bagagem* que estorva.

Dá o braço a teu pai e sobe com ele — talvez um bocadinho devagar demais para o teu gôsto — aquele monte donde ele gosta de ver o pôr do sol. E não te enfades com a evocação das suas lembranças: «Quando eu era garoto...»

Um dia hás-de sentir saudades infinitas dessas histórias que jàmais ouvirás...

Uma vez por outra sacrifica umas horas para fazeres companhia a tua mãe, que para que nada te falte, tanta vez fica em casa! Mas não mostres enfado: faz dessa intimidade uma festa dos corações.

E se tiveres na família ou entre os teus conhecimentos alguém doente, reparte com essa pessoa um pouco do teu tempo.

E' aflitivo ver como na ansia de gozar se esquecem os que sofrem.

Não sejas egoista; lembra-te daqueles que esperam de ti consolação. Aparece, uns intantes que seja. «Bons dias! Boas tardes!» Uma novidade... um beijo... um sorriso... Uma flor que deixas sobre a mesinha de cabeceira... Uma fotografia que mostras...

Foste boa. Sairás mais contente.

O tempo que gastaste não te fará falta, ainda te resta muito para passear, e fazer desportos, e tudo o mais que te apetecer! E, agora, em tudo encontrarás mais sabor. Se queres experimentar a sensação deliciosa de *voar*, passa pela casa dum pobre antes dum passeio...

O tempo que perdêmos a aborrecer-nos bastaria para fazermos meio mundo feliz!

Maria Joana Mendes Leal

Foto: *Fesprie*

DE MANHÃZINHA

Como é bonito o fumo sobre as aldeias, de manhãzinha, quando se acende o lume nas lareiras!

Parece uma nuvem de incenso a ascender do altar da família.

Esse fumo que se ergue dos casais deveria ser o símbolo das mãos postas a rezar, louvando o Senhor ao começar o dia.

A hora é sagrada. Como diz António Correia de Oliveira:

«É missa d'Alva; reza-a o rouxinol;
Há montes, postos como de joelhos;
E cheira a rosmaninho e a serpol...
Ergue-se Deus em hóstia viva: o sol!

Não te esqueças de santificar o teu dia fazendo subir para o céu o incenso da tua oração, cujo perfume será agradável ao Senhor.

Vê como o fumo sobe no espaço...

De manhãzinha...

Um poeta disse que:

«As almas são irmãs do fugitivo fumo,
nostálgicas do fugitivo rumo,
ansiosas de partir, pairar, subir...»

Quando de manhãzinha, "hálito da lareira, o fumo ascende...", deixa ir com ele a tua alma, no rumo nostálgico das alturas...

Que o desejo de ir passear ou a pressa de ir para a praia não te dispensem da tua oração da manhã.

Faz descer primeiro sobre o teu dia a bênção de Deus.

"Já o astro rei do dia desponta: dirijamos, pois, de joelhos as nossas preces a Deus, suplicando-lhe que durante este dia nos preserve de todo o mal» — reza assim o hino da Hora de Prima, a oração litúrgica da manhã.

E só um dia "sem mal" será um dia feliz!

Velhas imagens, já mutiladas pelo tempo, mas enternecedoras, como esta N.ª Senhora do Bouro (Minho)

CONCURSO

Estamos no Centenário da Padroeira. E' o ano de Maria, Rainha de Portugal.

Não é preciso ir a Vila Viçosa para A encontrar. Portugal inteiro está coberto de catedrais, igrejas e capelas erguidas em sua honra.

Nossa Senhora está ligada a todos os grandes acontecimentos portugueses, em que a sua protecção é atestada em monumentos históricos, e a todas as horas da vida do povo, em templos e altares, nichos e quadros, imagens e estampas, medalhas e ex-votos.

Milagres de Nossa Senhora... Devoções a Nossa Senhora... Romarias de Nossa Senhora... A's vezes até lendas ingénuas, como aquela em que se mostra o sinal deixado pelas patas da burrinha na fugida para o Egipto (!)

Quem não sabe alguma coisa para contar sobre Nossa Senhora?

Nas vossas férias recolhei cânticos populares, tradições originais, apontamentos sobre a história das igrejas marianas, etc., e sendo possível acompanhadas de estampas ou fotografias, enviai-nos a vossa colaboração até Outubro.

Os 3 melhores trabalhos serão premiados.

Em honra de Nossa Senhora, Padroeira de Portugal, vamos todas concorrer!

Amores...

NAS férias os «amores» nascem por toda a parte, como certas plantas campestres a que o povo chama «amor dos homens». Como essas frágeis flores, que um sôpro desfaz, os «amores» de férias se desfazem também.

Tem cuidado, não consideres uma declaração cada palavra de madrigal, nem tomes por paixão um simples agrado. De um galanteio ao amor vai uma grande distância e a familiaridade e a convivência podem despertar simpatia, mas nem toda a simpatia cresce a ponto de se transformar em amor!

Quando te segredarem palavras ternas, lembra-te da pequena duração da flor que simboliza o amor dos homens... Em férias, quase todos os amores são dessa qualidade...

Não te deixes prender como uma tontinha, nem andes tu própria atrás do amor, como quem corre atrás de borboletas.

Não te julgues deminuida por não teres namoro. Nem te consideres mais do que as outras pela superioridade do número dos teus flirts.

Namorar por distracção ou vaidade, é um jôgo perigoso em que poderás comprometer, talvez inconscientemente, mas levianamente a tua reputação.

Namorar a torto e a direito com a preocupação de arranjar depressa um marido, também é arriscado: ou o rapaz se escapa a tempo porque descobre o jogo, ou estes casamentos, que «se não talham no céu», saiem tão desajeitados... que antes ficar solteira!

A tua hora chegará, descansa! E é preciso que guardes para aquele que Deus te destina o teu coração na frescura dos primeiros sentimentos, na sinceridade do que ainda se não repetiu.

Nas tuas férias vive com simplicidade com os rapazes que tiveres por companheiros. Não armes em irresistível, nem permitas que te faltem ao respeito.

Se a tua mãe te disser que é uma imprudência passeares sòzinha com um rapaz, ou te censurar certas liberdades de linguagem e de atitudes, não te irrites!

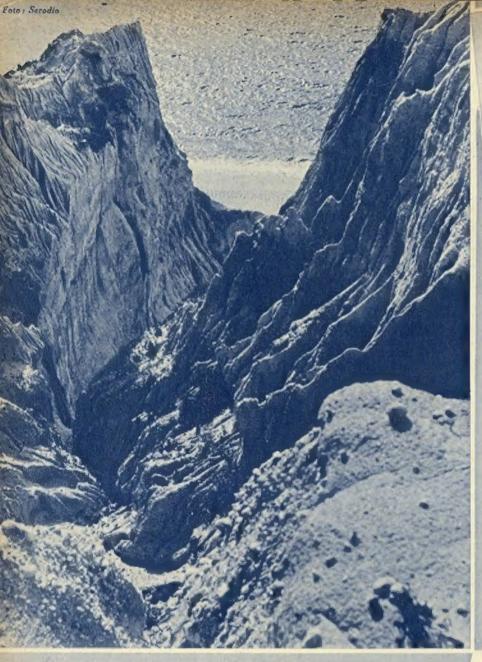
Olha que ela tem razão! Há um velho ditado que não deve ser esquècido: «A estopa ao pé do lume arde!»

A natureza é sempre inflamável como a estopa e as paixões são sempre ardentes como o fogo...

Não aspires a trazer de férias apenas uma lista de flirts e umas aventuras mais ou menos divertidas (!) para contar.

Procura trazer mais saude, melhor disposição para trabalhar, imagens de beleza que te ponham mais luz nos olhos e algumas boas recordações que te ajudem quando a prosa da vida ordinária suceder à poesia das férias...

Foto: Serodio

Foto: Farkas

A CONTEMPLAÇÃO DA NATUREZA — FONTE DE ALEGRIA

CECILE JÉGLOT, a escritora francesa que muito se tem dedicado à formação das raparigas, faz esta crítica aos tempos modernos:

«Tudo contribui no nosso tempo para dar às raparigas uma mentalidade trepidante, que perde em equilíbrio, em estabilidade e em força interior.

Do mesmo modo, verifica-se que desaparece o sentido do profundo e do belo. O mar, por exemplo, já não é admirado: é apenas um fundo de quadro, um acessório para o banho, o tenis e o *dancing* do Casino; a montanha reduz-se a um exercício de *footing*...»

Infelizmente, em muitos casos, assim é. E digo *infelizmente* porque a contemplação e o amor da natureza enobrecem e embelezam a existência. A alma eleva-se buscando o Criador e o coração alegra-se possuindo com os olhos os bens preciosos da natureza.

Não sei se já ouviram falar de Helena Keller. Acabei há pouco de ler «A história da minha vida», escrita por ela mesma, aos 20 anos.

Helena Keller é uma americana, completamente cega e surda desde os 26 meses. Conta hoje 65 anos.

Apesar destes defeitos físicos que a empobreceram de dois dos mais valiosos dons humanos, não amaldiçoa a vida nem se considera infeliz.

Uma professora admirável soube fazer penetrar até ao seu espírito emparedado em trevas e silêncio o conhecimento das coisas, começando por ensinar-lhe de pequenina a encontrar na natureza motivos de interesse e de consolação.

Hei-de contar-vos um dia a sua vida extraordinária como um milagre; hoje limito-me a falar-vos do seu amor pela natureza.

«Miss Sullivan — escreve ela — levava-me a passear através dos campos semeados, até às margens do Tenesse. Fazia-me admirar a beleza da mata cheirosa e apreciar os galinhos do mato... (Contava ela então 7 anos). Explicava-me como o sol e a chuva faziam germinar as sementes, crecer as árvores e amadurecer os frutos para o encanto da vida; dizia-me como os pássaros fazem os ninhos, como nascem e crescem, como o esquilo, o viado, o leão e todos os seres vivos acham alimentos e abrigo. E eu, quanto mais conhecia os segredos da natureza, mais ficava contente de viver».

A natureza tornou-se a sua grande amiga, amiga generosa que nunca se cansava de lhe dar alegria.

Na auto-biografia recorda «o perfume dos pinheiros resinosos, misturado ao cheiro da vinha selvagem. Aprendi a sentir o belo que emana das coisas da natureza. Verifiquei que, nesta, tudo incita à reflexão. Em verdade, os aromas, os pipilos, os zumbidos, os cantos, tudo tomou parte na minha educação.

Peguei em grilos e sapos e em pintos delicados, para examinar-lhes as formas e sentir as vibrações que produziam.

De vez em quando levantava-me de madrugada e escapava-me pelo jardim para apreciar a relva e as flores húmidas do orvalho. As flores lá estavam molhadinhas. Poucos conhecem a alegria de afagar uma rosa, espremendo-a de leve entre os dedos, numa carícia.

Era também atraída pelo pomar, onde os frutos começavam a amadurecer em Junho. Os lindos pêssegos aveludados pareciam procurar meus dedos. A brisa atirava aos meus pés as maçãs maduras. Que delícia, quando eu entrava em casa com o avental cheio de frutas e passava na face as maçãs lisinhas, ainda quentes do sol matinal!»

Tudo na natureza a encantava e a reconciliava com a vida.

Ensinada a apreciar as menores belezas da natureza, nunca lhe faltou alegria de viver, apesar da sua desgraça. E mais tarde, quando descobriu as grandes maravilhas, — o mar, etc. — o seu espírito estava preparado para compreendê-las e senti-las.

Conta-nos que passava horas na praia. «Sentava-me nas pedras, sentindo as ondas quebrarem-se-me nos pés e cobrirem-me de espuma. Agarrava-me imóvel e fascinada, para sentir melhor o choque das ondas e os rugidos do mar enfurecido.

Era difícil tirar-me dessa posição. O sabor desse ar, fresco e puro, dava-me uma imensa serenidade ao espírito, enquanto eu não me cansava de virar e revirar nas mãos conchas, seixos e algas...»

Outras vezes era a montanha com as suas florestas que a encantava. «Aqui, carvalhos enormes e arvores magestosas, de folhagem sempre verde, com troncos como colunas cobertas de musgo, ostentando grinaldas de hera e apanhados de agáricos; mais longe, árvores de perfume suave e penetrante, imperando em

toda a mata. Videiras agrestes, a espaços atiradas entre as árvores, formavam berços de verdura cheios de borboletas e de insectos que zumbiam. Era, para nós, grande prazer perdermo-nos, ao cair da noite, por esse mato denso e emaranhado, embriegadas pelo aroma fresco e doce que subia da terra».

As cataratas do Niagara impressionaram-me profundamente. Mas se não podia ver nem ouvir, que significação podiam ter para ela?! — preguntaram-lhe.

— «Uma significação grandiosa como o amor, a religião ou a bondade, que posso interpretar e definir como toda a gente», respondeu.

Em contacto com a natureza, a sua alma gozava alegrias mais profundas do que aquelas que lhe poderiam dar os prazeres ficticios do mundo e as suas atracções brilhantes.

«Que prazer me dá passear na terra macia e fertil, ou seguir os atalhos atapetados de relva que conduzem aos rios ensombrados pela mata! Meto as mãos na água para fazer uma cachoeira minúscula. Que satisfação trepar nas pedras abandonadas nos campos, para pular na relva em transportes de alegria!»

E assim, através de toda a auto-biografia, a sua alegria canta, numa toada maravilhosa de louvores à natureza.

. . . .

E nós, a quem não falta a luz dos olhos para gozarmos as belezas da natureza, como aproveitamos este dom de Deus?

Vivemos, talvez, como se fossemos ceguinhas, indiferentes a tanta cousa bela, e assim desperdiçamos as mais profundas e puras alegrias capazes de nos elevarem para Deus.

Helena Keller não vê... Nós vêmos. Mas será a sua cegueira, ou a nossa, a maior?!

São mais cegos aqueles que tendo os olhos iluminados os fecham por inconsciência.

Ela não vê, mas *sente* a beleza que a rodeia, e as suas mãos anciosas colhem essa beleza no gesto carinhoso com que afaga tudo — enquanto a sua alma serena e feliz, louva ao Senhor!

E talvez porque nas trevas do seu isolamento mais intimamente vive em contacto com a natureza, alguém poude escrever a seu respeito: «Helena Keller é o ser mais puro que existe».

No mar, na montanha ou no campo, onde quer que seja que passemos as nossas férias, habituemo-nos a contemplar a natureza, procurando descobrir a Vida que nele se oculta e escutar o canto de gloria que toda a terra se ergue!

Nos nossos passeios a pé ou de bicicleta não tenhamos apenas a preocupação de devorar quilómetros. De vez em quando paremos para contemplar as belezas da natureza — e voltaremos de férias mais felizes e melhores, porque a natureza possue uma bondade e suavidade que pacificam e espiritualizam.

Coccinelle

Foto: Albert

Foto: Dr. Munhoz Braga

Não é preciso mais que um bom almoço!

Entre duas pedras coloca-se a lenha... Primeiro pequenos gravetos, depois cavacas mais grossas

Carne grelhada e ovos cozidos ou quentes...

Batatas assadas debaixo das brazas...

REFEIÇÕES AO AR LIVRE

UMA merenda ou um almoço fora de casa sabem tão bem! São dos mais agradáveis prazeres das férias.

Pequenos e grandes, pobres e ricos, todos se entusiasmam com a ideia.

Vamos dar-vos alguns conselhos para a preparação do farnel, etc.

● Os alimentos devem ir separados para não perderem o bom aspecto.

Se tivermos caixas especiais para os meter, optimo; se não tivermos, devemos embrulhá-los (o melhor papel é o vegetal).

● Os assados frios, convem cortá-los em casa, mas conservando-lhes a forma, para parecerem ainda inteiros. A carne não seca tanto e o aspecto é mais bonito.

● Se levarmos algum alimento quente, devemos enrolar em volta do recipiente bastante papel para não arrefecer.

● A salada não deve ir temperada; leva-se num pequeno frasco o azeite e o vinagre já misturados e deita-se só na ocasião.

● A fruta é um dos alimentos indispensáveis nestas refeições, mas deve-se escolher fruta que não se esmague e estrague facilmente (como por exemplo os morangos).

● Se não levarmos pratos podemos substitui-los por largas folhas de árvore bem limpas.

● A toalha deve ser colocada no cesto por cima das provisões para ficar logo à mão.

● A «mesa» deve ser posta com graça, enfeitada com flores campestres ou verdura. Mesmo num *pique-nique* a mesa deve ter sempre um aspecto agradável.

● Se estiver vento, prende-se a toalha com pedras e estas encobrem-se com verdura.

● Ao acabar de comer, demos devemos recordar-nos daquela regra de *campismo* que manda não deixar pelo chão papeis ou restos de comida. Enterra-se ou queima-se o que não presta, pois é feio deixar o campo sujo.

● Se no *pique-nique* tomarem parte crianças, devemos repartir com elas (embora levemente) o transporte das coisas e o trabalho do arranjo do local e da mesa, etc.

Esta participação no trabalho é educativa e aumentará o seu prazer.

● O melhor aperitivo para estas refeições é a alegria! se surgirem pequenas dificuldades, procuremos resolvê-las com bom humor, e as próprias dificuldades acabarão por contribuir para o sucesso do passeio.

● Se desejarmos preparar, no próprio campo, alguns alimentos quentes, não é difícil... mesmo sem utensílios nem fogão!

É preciso saber improvisar. Um *fogão* arranja-se com duas pedras entre as quais corra o ar. Se não tivermos pedras, até um buraco na terra, em forma de canal, alongado para uma extremidade para se fazer melhor a circulação, serviria.

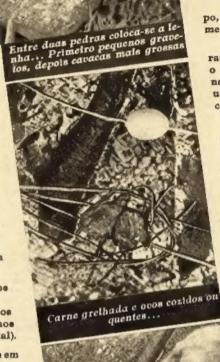
● Podemos assar batatas metendo-as debaixo da cinza e brazas. E grelhar carne ou peixe sobre as brazas, ou fazendo uma *grelha* ou um *espeto* com pequenos troncos verdes, a que se tira a casca.

Os ovos podem aquecer-se ou coser-se, depende do tempo, espetando-os com cuidado num pausinho fino e afiado, de modo que o buraco seja pequeno, e suspendendo-os sobre as brazas; ou até estrelá-los sobre uma pedra fina, ligeiramente concava, que depois de bem lavada e muito aquecida servirá de certã (é claro com um bocadinho de manteiga).

● Se tivermos tachos e panelas, então, é só levar o cesto bem fornecido e mostrar a nossa arte de culinária!

No entanto, convém fazer pratos simples, cujo sucesso não seja duvidoso. Pratos que não exijam coseduras demoradas nem preparativos complicados. Comida frugal, mas saudável e apetitosa.

E tem que se contar que nas refeições ao ar livre cada pessoa come por duas...

Ovos estrelados sobre a pedra...

RAPARIGAS DE ONTEM

V—O DEVER

Caía a tarde de chuva, escura e triste como tantas vezes são as tardes de Fevereiro. No grande quarto da Avó, ardia no fogão a lenha com um crepitar alegre; as pinhas que Gabriela ajeitara graciosamente, pareciam flores de fogo.

Junto à janela em que a chuva batia, sentada em cómoda poltrona, envolta em abafos, uma manta nos joelhos, estava a velha senhora convalescente de uma gripe que a retivera oito dias na cama; numa pequena mesa a seu lado estavam livros, uma carta aberta, os seus óculos; em frente, Gabriela sentada numa cadeira baixa, dobava uma meada de lã côr de rosa na velha dobadoira de pau santo em que já suas avós tinham dobado as meadas de linho para os seus enxovais.

A cabeça coroada de tranças pretas inclinava-se para a dobadoira e a luz, incidindo no seu rosto de finas feições, fazia ressaltar essa beleza serena, que a tornava encantadora e calmante a sua presença. D. Maria que a olhava com ternura, disse:

— Sabes, filha, que tu és o sol da minha velhice? Apesar de estar o dia de chuva, quando olho para ti parece-me ver o sol a iluminar o quarto.

Gabriela, sorrindo, respondeu:

— A Avòzinha já pensou que me está a fazer vaidosa? Veja lá que responsabilidade toma!

— Tu não és vaidosa, e no entanto podias sê-lo. Não falo já do teu físico, mas da tua bondade. Há dez dias que passas aqui o teu tempo, no meu quarto, desde que a Matilde se foi embora, completamente só comigo, doente, e com as creadas, e não só foste uma enfermeira esplêndida como sempre me alegraste com o teu sorriso.

— Então, Avó, não fiz mais que o meu dever, e não estive nessa solidão que diz. Tive as visitas do nosso bom prior, sempre tão ao facto de tudo o que se passa pelo mundo com a leitura de tantos jornais, e do seu médico, o Dr. Eugénio, tão inteligente e conversador.

— O dever! Na tua idade são raras as raparigas que nele pensam, e uma das coisas que me assombra é ver o prazer com que tu conversas com esses dois bons amigos, duma idade tão diferente da tua.

— Então, a Avó acha que só a conversa da gente nova tem encantos? Olhe que de vezes bem aborrecida é; vale bem mais conversar com pessoas de idade, se a conversa é interessante como a dos nossos bons amigos, e, quanto ao dever, as raparigas que nêle não pensam é porque têm tido uma vida fútil e inútil, mas a avòzinha bem sabe que eu, que perdi tão cedo a minha Mãe, tive de tomar a sério o dever de filha mais velha.

— Tudo isso é verdade, mas se não fosses como és, não pensavas assim.

— Oh, Avòzinha, quando o dever é tratar e estar ao pé duma pessôa que se estima profundamente, não se chama dever, mas sim prazer.

— E' isso mesmo que tu dizes que faz com que todos os dias eu agradeça a Deus a compensação que me dá nos meus desgostos, dando-me a tua companhia tão querida. Se todas pensassem como tu, mas os novos esquecem os velhos. Olha o tio Paulo que há tanto tempo não escreve, e a nossa Luizinha com a mania das viagens.

— Avòzinha, o tio Paulo não o conheço bem, mas a Luiza é melhor do que eu, o que não a impede de fazer a sua vida, e escreve tanto e tão saudosa!

— Sim, é verdade. E a propósito, ainda não me leste a carta que veio hoje. Peço-te que o faças, se não traz segredos, porque, minha filha, eu compreendo tão bem que as moças tenham os seus segredos.

— Oh, avòzinha, que ideia, não temos segredos, e até já aí pus a carta e os seus óculos, mas se prefere que a leia eu, é uma alegria fazê-lo. Vamos, pois, ler a carta, enquanto não vem o chá.

E Gabriela começou a ler:

Nice, 3 de Fevereiro

Irmãsinha querida

Todos os dias Colette e eu falamos em escrever, mas em viagem aparecem tantas coisas sempre, que falta o tempo, e tanto queria contar-te as minhas, as nossas impressões, porque Colette tem a mesma impressão que eu tenho, e que passo a descrever-te, depois de te dizer que fiquei com muito cuidado na Avó por me dizeres que a estranhas há uns dias e te parece que não está bem. Permita Deus que não seja nada; ainda hoje de manhã rezei bem por ela na linda Catedral de Genova. Por ela e por ti, que tanta e tanta falta me fazes.

Mas vamos por ordem, porque quero que acompanhes a nossa viagem. Como te disse, fomos a Monte Carlo; fomos de combóio: de automóvel ou «autocar» dizem-me ser linda a estrada da Corniche, mas os nervos de Colette, tão abalados pelo desastre que teve, não lhe permitem ainda grandes passeios de automóvel, embora ela se vença bastante, dominando o mais possível as suas impressões, tão naturais, de medo.

O caminho de Nice a Monte Carlo é um encanto; Villefranche com a sua linda baía onde fundeiam transatlânticos. Eze, Beaulieu, Cap Martin com os seus aglomerados de belas vilas e os jardins que acabam dentro desse lindo mar, que não tem marés, e as flores que se debruçam sobre as suas águas dum azul tão forte.

Descemos do combóio em Monaco porque Colette, que já conhece a «Côte», tinha o desejo que eu visse o portosinho de Condamine com os seus «yachts» de luxo. E' na verdade um encanto, esse porto, dum lado fecha-o o rochedo de Monaco com o palácio do príncipe sobre o mar, e do outro, a subida para Monte Carlo. Ao fundo, fica Condamine, e não imaginas a impressão de dôce sossego que me deixou esse porto e a povoação.

Quando demos a volta ao portosinho, dum edifício em frente saíam as crianças duma escola infantil de religiosas, os bébés, uns amores, e a religiosa que as acompanhava à porta, muito novinha, parecia Santa Teresinha, tão linda era!

Próximo há uma pequena igreja muito graciosa, estivemos ali rezando e senti-me comovida deante da imagem de Sto. António ali venerada, pensando no pai que dizia quando entrava numa igreja no estrangeiro e via a imagem de Sto. António que se sentia protegido por um compatriota.

Depois seguimos para Monte Carlo. Que lindos são os jardins do Casino, em terraços. O Casino é um banalíssimo edifício, duma feia época. Como era já uma hora, fomos almoçar no Café de Paris, em frente do Casino. Calcula a alegria de Colette ao encontrar inesperadamente os tios de Trévise e as primas. Estava com eles um rapaz muito simpático, diplomata, que vai para Roma. Chama-se Jean de Mornay. Não podes imaginar o almoço alegre que tivemos. Em seguida fomos ver as salas do Casino, assistimos a um concerto e visitámos depois as salas de jogo. O senhor de Trévise afirmava que o nosso encontro tinha sido providencial, porque três senhoras não deviam entrar naquele antro sem ser escoltadas pelo menos por um homem.

Rimos bastante com essa idéia, mas eu acho que ele tinha razão, porque a gente que rodeava as mesas de jogo era bastante estranha e via-se-lhe nos olhos e na maneira como jogavam que eram viciosos, capazes de tudo para jogar. Há gente que passa ali a tarde e a noite. Que horror, não gostei nada das salas com umas pinturas de muito mau gosto.

Os terraços, os jardins e toda a Costa é que são maravilhosos! Passámos um dia bem agradável. Despedimo-nos à tarde e viemos jantar a Nice onde chegámos já era noite. «Miss» Muir esteve encantada todo o dia vivendo o romance que está a ler, e querendo fazer romances com toda a gente que aparece. Estas inglesas são dum romantismo, quando lhes dá para isso!

Aqui estamos, há dois dias na Promenade des Anglais, que tem à tarde uma animação extraordinária. E o nome está bem posto, não se ouves senão falar inglês.

Seguimos para Itália amanhã de manhã; de lá te contarei o resto da viagem.

Saudades da Colette e de «Miss Muir» e um grande, um enorme abraço da tua irmã.

Maria Luiza

— Vê a Avòzinha como ela se lembra sempre de nós!

— Coitadinha, não digo que não, e lá tem a sua idéia de ver coisas novas. Sabes que estava a ouvir ler a carta e a parecer-me que estava a ver essas terras de que fala. Devem ser bonitas, e pensava que estás aqui amarrada, que pena me faz!

— Não estou amarrada, Avòzinha. Estou muito contente. E então que faz ao dever? Ele não conta? E agora que a Maria vem aí com o taboleiro do chá, o meu dever é tratar de lho preparar muito ao seu gosto.

E, dizendo isto, desembaraçou a mesa para a criada pousar o taboleiro e começou a deitar o chá na preciosa chávena de loiça da Índia.

— Estás cumprindo lindamente esse dever. E como todas as raparigas deviam imitar-te, preparando-se para a sua vida de mulheres — disse a Avó, sorrindo e afagando a mãosinha que lhe estendia a chávena de perfumado chá.

(Continua)

MARIA D'EÇA

NOTÍCIAS DA M.P.F.

Vila Real — Imposição de insígnias de graduadas, na festa solene, pela Sub-Delegada Regional da M. P. F.

Ponta Delgada-Açôres — O senhor Governador Civil falando na festa do Centro n.º 2

Ponta Delgada — Açores:

A nossa festa, que por motivo de fôrça maior se não poude realizar antes do Natal, teve o seu início no dia 31 de Dezembro, pelas 10 horas, com o baptisado de uma criança pobre a quem se deu um berço e um enxoval e da qual foram padrinhos a Directora do Centro e o Sr. Dr. Aníbal Cymbron Bettencourt Barbosa, adjunto da M. P.

A's 14 horas foi inaugurada a exposição dos berços e roupas pelo Governador do Distrito, Ex.mo Sr. Dr. Augusto Mendes Moreira. Assistiram a esta cerimónia o Sr. Dr. Alberto de Oliveira, Delegado Regional da M. P., assim como todos os professores, mestres, filiados e filiadas.

Os filiados da M. P. quiseram gentilmente dar a sua colaboração levando à cena a «FALA DO INFANTE», que muito agradou.

Seguiu-se a distribuição de três berços com os respectivos enxovais, e roupas a 53 crianças.

Estas roupinhas, completamente confeccionadas com o maior carinho e entusiasmo pelas filiadas, foram prèviamente feitas com as medidas das crianças a que se destinaram, as quais eram todas do conhecimento das filiadas. Em seguida procedeu-se à distribuição dos brinquedos que ornamentavam a árvore do Natal, assim como sacos de figos, nozes, bolachas, etc...

O Presépio que estava muito lindo foi da autoria do Director do Centro da M. P. Ex.mo Sr. João Augusto de Paiva que com a sua boa vontade muito contribuiu para o brilhantismo desta festa.

A DIRECTORA DO CENTRO N.º 2
Maria José da Silva Santos

NOTA: — Por engano, foram atribuídas ao Centro n.º 2 do Funchal as fotografias do Centro n.º 2, de Ponta Delgada, Açores, publicadas no Boletim de Abril passado.

Setubal:

Com a assistência do Governador Civil do Distrito, Presidente da Câmara, Comissário Nacional da M. P., sub-Delegada regional da M. P. F., etc., realizou-se uma «Embaixada da Bondade e da Alegria» ao Sanatório do Outão.

O percurso de Setubal ao Outão, que decorreu com grande alegria, foi feito em dois barcos, num dos quais iam, em grande número, filiadas da M. P. F.

Ao chegarem perto do Sanatório, os clarins fizeram ouvir os vibrantes compassos do hino da M. P. e, no meio da maior animação, rapazes e raparigas, com o rosto banhado pelo sol e pela alegria de bem fazer, cantavam quase ao desafio as canções mais conhecidas do repertório da M. P.

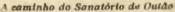
Quando o Comissário Nacional e o Governador Civil de Setubal chegaram ao Sanatório já lá se encontravam as ofertas provenientes desta campanha de camaradagem, constituídas, na sua maioria, por elevado número de brinquedos, livros, bolos, etc., — a cuja distribuição imediatamente se procedeu.

O director do Sanatório, Dr. Cipriano Dordio, e a Rev. Madre Maria de S. Cláudio, Superiora das Religiosas que ali prestam serviço, acompanharam os visitantes, verificando-se, em todas as enfermarias, por parte dos pequeninos enfermos, uma espontanea manifestação de júbilo e reconhecimento.

A todos os doentinhos foram entregues presentes com palavras de grande carinho.

Num dos terraços do Sanatório, o Orfeão da Mocidade Portuguesa Feminina da Ala de Setubal apresentou interessante programa de canções e hinos juvenis, que eram transmitidos por alto-falantes para todas as enfermarias.

Assim terminou esta jornada de camaradagem — a todos os títulos admirável.

A caminho do Sanatório de Outão

Santarem — Filiadas do Centro n.º 1

Santarem:

No Centro n.º 1, Liceu de Sá da Bandeira, que muito se tem desenvolvido de há um tempo para cá, iniciou-se este ano o 1.º Curso de Chefes de Castelo, sob o patrocínio da Sub-Delegacia e a direcção da Ex.ma Senhora D. Maria Madalena Ferro.

Todas as aulas do Curso decorrem com verdadeiro interesse da parte das filiadas, mas devemos confessar que as aulas que mais entusiasmavam eram as de economia doméstica e mais especializadamente a de «culinária». Era com verdadeiro interesse que nós combinávamos as ementas, unidas pela mesma alegria comunicativa, que faz vibrar sempre as almas com o mesmo elevado ideal.

Cantarolávamos canções em voga, contavamos as nossas historietas, enquanto se descascavam as batatas, semigava a hortaliça, escolhia arroz ou temperava o assado. Depois ia o cozinhado para o fogão. Com que ansiedade nós aguardávamos que os alimentos se cozessem para podermos apreciar os nossos dotes de cozinheiras e recebermos a consoladora certeza de que, alem de estudantes, tambem somos mulheres boas donas de casa, ainda em formação, é claro...

Posta a mesa, onde aparecia sempre um «tic», de graça e bom gôsto, comia-se o almoço. E com que apetite ele era saboreado, depois de uma manhã completa de actividade!...

No fim, é que eram elas... «Não há bela sem senão» diz o nosso povo. Mas não pensem que, apesar de serem os trabalhos de limpeza e arrumações os mais penosos, nós os não faziamos com a mesma alegria de antes.

Acontecia ficarem-nos as mãos enfarruscadas pelo negro das panelas; mas isso que importa, se daí a pouco eram as

O nosso primeiro dia de Campismo

Vila Real de Tras-os-Montes: Não tento descrever o que foi para nós as transmontanas do Centro n.º 3 de Vila Real, esse dia de verdadeiro campismo. Darei, sòmente, uma breve notícia, no sentido de fazer um acto de obediência à nossa Directora de Centro que descobriu em mim o que eu nunca consegui encontrar: dotes de escritora...

O nosso Campismo preparou-se de longe e parecia que as chuvas, as trovoadas e até as neves (que este ano nunca mais se acabavam de despedir) nos queriam a todo o custo impedir de o realizar. Por fim, assentou-se definitivamente o dia: seria a 8 de Junho, último sábado de actividades.

Na véspera, após as aulas, era visível a animação dentro do nosso Colégio. Mas o pior era o céu que, dos lados do Marão, se mostrava carrancudo e nada para festas. Todavia, não nos deixámos amedrontar, pois a nossa Directora de Centro, entusiasta e compreendedora da gente moça, animava-nos a não desanimar. Ganhavamos coragem, uma coragem que contrastava com a medonha trovoada que assustadoramente rugia. Os relâmpagos fuzilavam por todos os lados e nós, as graduadas, na faina de preparar as louças, as sacas, as cordas, tudo aquilo que cada Castelo teria de levar. A tempestade, longe de amainar, prolongou-se até de madrugada!... Estávamos desoladas!... Toda a noite se rezou baixinho a quantos santos há no Céu. Não faltaram promessas e promessinhas... Por fim, à hora de levantar, as nuvens começaram a desaparecer e o sol ia rompendo a custo. Havia esperanças dum lindo dia. E assim foi.

mesmas mãos limpas de antes? Vinha depois a consolação de olharmos o trabalho feito e ao deitarmos uma vista de olhos pela cozinha podiamos contemplar satisfeitas: ficou um brinquinho! Em nossas casas havemos tambem de fazer assim, ou ainda melhor!

Em seguida iamos para a aula de canto coral, onde entoávamos canções vibrantes que nos deixavam bem dispostas, e depois, um pouco cansadas mas de olhar firme, lá iamos para as nossas casas, pasta na mão, a chama da mocidade ardendo-nos nos corações, sempre cantando e rindo...

Filiada n.º 25.667 — Chefe de Castelo

Depois de ouvirmos Missa na Capelinha do nosso Colégio, sacas a tiracolo e chapéus na cabeça, pusemo-nos a caminho para a «Quinta Amarela», local do nosso Campismo. Partiu primeiro o Castelo das mais novas a que pusemos o nome de «Jardim», com as suas Graduadas e duas Dirigentes. Seguidamente, o 2.º Castelo, o «Pomar», tambem com as suas Graduadas e duas Dirigentes. Por último, o 3.º Castelo, das Vanguardistas e Lusas, chamado «Bosque», e que levava igualmente as suas Graduadas e duas Dirigentes. Cada Castelo fez vida completamente à parte com regulamento e horário próprio.

Na chegada ao local do Campismo, reuniram-se os três Castelos no ponto de concentração (a meio da enorme mata) para arvorar a Bandeira da Mocidade e cantar o Hino Nacional. Após esta cerimónia cada Castelo encaminhou-se para o sitio que estava destinado afim de começarem as tarefas que cada filiada teria a desempenhar.

De manhã, foi o trabalho, os preparatido almoço; de tarde, o descanso, os jogos da natureza e os exercicios de primeiros socorros.

Descrever o contentamento e ordem com que tudo decorreu em cada um dos Castelos, não é muito fácil. Melhor do que as minhas palavras, falam as fotografias que tirámos: — É a chegada dum carro de bois que conseguimos arranjar emprestado para transportar os cestos dos géneros, as barracas, etc., e que as Graduadas do 1.º Castelo descarregam todas atarefadas; são as filiadas do 2.º Castelo na faina de armar tendas, de descascar batatas e acender o lume; é o 3.º Castelo saboreando o apetitoso arroz com presunto e salada de feijão frade. E, por último, os grupos tirados já no regresso.

A' hora marcada no horário, reunem-se de novo os três Castelos junto da Bandeira (que todo o dia flutuou no meio da mata como a indicar-nos a todas aquilo que é belo e grande na vida) para a reza dum mistério do terço e para se cantar o Hino da Mocidade Lusitana.

Após um dia tão bem passado, em contacto intimo com esta linda Natureza que tão bem nos fala de Deus, sentimo-nos mais perto DELE. E, numa promessa de LHE sermos fiéis, regressamos ao nosso querido Colégio no meio de uma alegria que jamais nos esquecerá.

Maria Adelaide Gonçalves Pires — Chefe de Castelo

O PAGEM DE ARÉVALO

Lendo a «Vida dos Santos»
Gravura de Pedro Rug.

Santuário e Vale de Yraurgui — Loyola

Monumento e Colégio — Noviciado — Loyola

Aspéitia... ao fundo, Loyola

Basilica de Loyola e rio Urola

DE pecadores trazidos à Graça e lançados em caminhos novos, por uma palavra, acontecimento providencial, nos tempos modernos, poucos são como a figura de Iñigo Lopez de Loyola, gentil-homem, de passado curioso, sobre o qual raiou novo dia na revelação documental da sua vida, últimamente publicada. Da poeira dos arquivos surgiu Inácio autêntico, mais humano, não menos admirável que o pintado com falsas pinceladas pelos biógrafos dos séculos XVII e XVIII, traçado em bem distintas proporções de alto espírito, que L. Marcuse deformou e muita gente acredita, sem suspeitar do veneno impingido sob erudição deturpada.

Com Pedro Letúria, com Paulo Dudon penetrámos no coração de Eneko, avaliámos-lhe os combates da juventude e compreendemos a sua santidade de irradiação conquistadora.

•

No vale de Yraurgui, na noite de Natal de 1491, nasceu Inácio, décimo terceiro filho de Beltrão de Loyola e de Maria Saenz de Licona de Balda.

Os Loyolas, já em 1180, afirmavam a sua linhagem, e velhos pergaminhos do século XIII dizem que Inês de Loyola e Lope Garcia Oñaz se ligaram. Afonso XII de Castela, consagrou os Oñazes e os Loyolas, dando brasão ao casal Inês de Loyola, viuva que, em segundas núpcias, casou com seu primo João Perez de Loyola, sendo o escudo partido, no primeiro, dos Oñazes, de oiro, de campo coticado de 7 bandas de goles, no outro, de prata, carregado de caldeira pendente de cadeia, ladeada de dois lobos, de sable.

Os Loyolas eram gentis-homens nos séculos XV e XVI, senhores, no campo, mais cuidadosos da probidade que da riqueza. Feriram batalhas em defesa do lar e da terra, como afirma a pedra de armas que sobrepuja o portal da torre solar. E, num episódio de luta pela pátria, tomou a Providência ocasião de escolher o filho de D. Beltrão para defesa maior que quatro palmos de terra e casas de uma nação.

Este homem, da primeira nobreza guipuzcoana, em Cantábria, teve infância imbuida de fé robusta, educação campesina e musical, e tanto lhe ficou que, «se seguira seu gosto e inclinação, poria côro e canto na Companhia». Não sentindo vibrações interiores diante de magnificências arquitectónicas de Roma, elevava-se suave e espontâneamente entre flores e à luz do céu estrelado.

Na ambiência da sua casa e raça, o viscainho Inácio tem as características do seu sangue, na concentração individual, no espírito reflexivo, na expansão lenta, audaz, tão segura de si, como pobre de expressão colorista, firmeza de vontade, da qual dizia Simão Rodrigues: «Vós haveis de saber que o Padre Inácio... é viscainho que como tome uma coisa a peito...»

Mas, antes de os tambores de Carlos V rufarem, em Loyola, entornaram notas, na alma de Iñigo, os bronzes das ermidas, disseminadas pelo património dos seus maiores. E ficou tão amigo da música que, sendo Superior Geral da sua Ordem, chamava ao seu quarto o Padre Frusio para lhe tocar o clavicórdio, e outro irmão leigo para lhe cantar imitando os cegos, e assim se alegrar nas suas melancolias, com bem da própria saúde

Inácio teve meninice movimentada.

Se antepassados seus foram guerrilheiros por questões de campanário entre Navarra e Guipuzcoa; pela sua política, o seu Avô foi desterrado por quatro anos, para a andaluza Ximena, mas sem perda das relações amigas. Destas era João Velazquez Cuellar, contador-mor dos Reis Católicos, que para a sua casa de Arévalo convidou Loyolas. Iñigo foi o escolhido, para pagem, relacionando-se assim com a fidalguia castelhana. Nesta nova vida, o pagem viscainho viveu entre rumores militares e contas, entre devoções e vida paçã, formando-se o seu espírito em cortezia e elegância senhoril, que a graça da conversão mais elevou, para servir a Deus e ganhar as almas. «Tratar e conversar», entrando com a do mundo para sair com a nossa que é de Cristo, dizia — aulicamente distinto, quando sob a roupeta tratava gente de algo.

No ambiente de Arévalo e da côrte, ganhava afeições à pena e à música. Fêz-se bom calígrafo, tentou compor poesia e música, na sua formação de cavaleiro, mas sem deixar composições de fama.

E que foi a sua vida na casa do contador-mor e na côrte? A devoção estava longe de produzir frutos de santidade, nem sequer de moralidade, pois Polanco escreveu: «posto que era afeiçoado à fé, não viveu nada em conformidade com ela, nem se acautelava de pecados, pois era especialmente atiradiço em jogos e em coisas de mulheres, em revoltas e coisas de armas; mas isto era por vicio de costume». E Nadal corrobora: «nele não apareciam sinais de espírito ou piedade escolhida: o seu cristianismo era de católico da carneirada».

Iñigo era filho autêntico do séc. XVI: sincero na sua fé, mole nas consequências morais, porque era mundano, até na sua afeição ao Amadis de Gaula, e livros gémeos, que lhe encheram a cabeça, como ele próprio confessou ao Padre Gonçalves da Câmara, insistentemente, nas suas memórias. Iñigo, já no palácio do contador Velazquez, no de D. Germana de Foix, já nas excursões à sua Casa-Tôrre de Loyola, não estava preservado dos perigos, existentes também na côrte de Isabel a-Católica, como o poeta Montesino escreveu à duquesa de Nájera, pintando, com tremendas pinceladas, o realismo do pecado, de desenvoltura e galanteios de rapazes e donzelas. Polanco, Laínez e Nadal não escondem que Inácio foi, então, homem de vaidades, homem de armas, cubiçoso de honras, homem tentado e vencido pelo vicio da carne.

Desgarrado e vão, o pagem Iñigo, de golpeados vestidos e vistosas côres, de capa aberta, calções e botas justas, espada e adaga à cinta, de gorra escarlate, onacina, de pluma branca, sobre os ruivos caracois, caídos até aos ombros, deu-se a cortejar e a pecar, sonhando com alta pessoa de linhagem! Mas grão mal cheiroso brotado, no nariz, tornou-o antipático... Não se converteu ainda, embora pensasse fugir para o deserto, para não ver caras torcidas de raparigas e donzelas, ao senti-lo, no repelente aroma...

Curado, à fôrça de água, voltou aos devaneios, ambições, amores, desafios, até manchar a sua honra e a da família entre 1512 e 1515, no vale de Azpéitia. As informações do processo contra êle e seu irmão P.e Pero Lopez de Loyola provam a deplorável má fama. Até suspeita de crime, sem prova, se conjecturou, por questões de ambição familiar!

Tal devia ter sido a má nota de si, que Inácio, convertido, «visitou, depois, Azpéitia para dar alguma edificação ali mesmo onde tinha sido causa de escândalo, para muitos»!

Em 1516 desejou ser soldado, e, falecido o contador-mor, a viuva, ainda sua parente, deu-lhe 500 escudos oiro, da época, e dois cavalos. Com esta lembrança foi-se para o duque de Nájera e depois para Pamplona.

Com estes traços de água-forte da vida de Iñigo, antes de a graça o transformar, compreende-se por que motivo o bispo de Salamanca, D. Francisco de Mendoça, assistindo à profissão do reitor dos jesuitas, caisse a chorar copiosamente, e na sua cara descarnada rolassem as lágrimas, aos borbulhões, e dissesse: «como não me enternecer com os designios escondidos da Misericordia divina, vendo fazer profissão, numa ordem, fundada por Inácio de Loyola, homem que vi, em Pamplona, cair de espada desembainhada sobre o povo que apenas o tinha empurrado em rua estreita! E matava-o, se não fosse agarrado, à força!»

Iñigo fizera-se clérigo, e, com as imunidades eclesiásticas, se quis defender para fugir às pesquisas da polícia e à sentença do tribunal, no célebre processo de Azpéitia. Esta alegação de direitos foi contestada pelo corregidor que o declarou merecedor de castigo, do qual altas influências o livraram.

Com as conclusões da história vimos que Inácio foi pecador como elegante paçâo, turbulento e ambicioso. Passou e experimentou misérias da fragilidade humana e conheceu misericórdias divinas o fundador de uma milícia, cuja missão é despertar nas almas a confiança e o amor de Deus, de levantar para os céus as frontes abatidas, de aquecer os corações gelados nas chamas do coração de Jesus Cristo. Por esta mesma missão, permitiu Deus que Inácio tresmalhasse.

Teria trinta anos, quando estalou a guerra entre Fernando, de Castela, e Henrique, rei de Navarra. Este, aliado de França, quere conquistar Pamplona. Inácio é fiel a Castela e resolve defender a praça. O inimigo é poderoso e, cubelo a cubelo, a conquista. Na cidadela, resistem bravos, chefiados por D. Iñigo. Parlamenta-se, mas o gentil-homem de Arévalo não se rende.

Num momento, contudo, entre a algazarra e os estrondos dos mosquetes, ouve-se a gritaria de um ferido. Na brecha, a alma da resistência, o donzel da cabeleira ruiva, caiu, ferido, e de perna partida por pelouro de canhão ou por estilhaço de pedra.

Pálido, de sentidos perdidos, vai nos braços dos camaradas. A luta acabou, e Pamplona caiu em poder dos Navarros, entre os quais dois Xavieres trabalhavam também contra Loyola. Na luta política, triunfou Xavier. Mais tarde, na luta da alma, Loyola triunfa de Xavier!

•

Nos primeiros dias de Junho de 1521, Inácio foi levado de liteira, de Pamplona para a sua torre-solar de Loyola. Aqui, entre Deus e o poder do mal, se travou luta para a conquista do elegante cavaleiro. Esta alma, vista à luz da história — orgulhosa, vã, mas sem raiva nem rancores, nobre e generosa — encheu de liberalidades os soldados franceses, que o feriram. Corajoso, cavaleiro, magnânimo, forte resistente na dor, fêz desmanchar a obra do endireita, pois queria a perna bem arranjada. Mandou serrar o osso saido na linha da elegância do jarrete da perna para ajustar bem a bota, e, posto em cavalete, ordenou que se esticasse por cordas e polés, para não ficar mais curta. Durante este martírio, que espanta a família, Inácio apertou simplesmente os punhos. Sempre magnânimo, característica da sua psicologia. Só via com grandeza! Mas extremista, não gostava das meias tintas, de delongas. Ou tudo ou nada!...

E' destes carácteres que, tomados pela graça — elevante e nunca destruidora da natureza — se fazem os santos, ou, seduzidos, por satanaz, acabam em bandidos.

Vejamo-lo, no seu quarto, em Loyola, onde Inácio foi posto pelos franceses. De livro aberto, sonha glórias de Amadiz... romance de cavalaria!... A sua dama!...

Chora, depois da leitura da *Flos Sanctorum* e da «Vida de Cristo», de Cartusiano. Antes fôra o tédio por estas páginas... Depois, nasceu a admiração pelas virtudes e seguidamente a conversão. Se eles puderam!... Também eu posso!

Esta a grande resolução necessária para o Paráclito actuar em nós, elevar-nos pelos seus caminhos à sua luz inacessível.

Começaram em Iñigo os desenganos da vida frivola da côrte... A penitência badalava... «Se Francisco de Assis e S. Domingos puderam fazer isto... eu devo fazê-lo também»!

E, pensa ir a Jerusalém, vestido de saco, penitente, pedindo esmola... Sentiu coragem para a sua via sacra, pois a largueza dos feitos nasce-lhe do mesmo espírito de ver com grandeza.

Oh! fugir da mediocridade, em tudo! Mal vai à alma que se contenta com o pouco mais ou menos, com o trivial, sem paixão pela qualidade!...

Mas Inácio teve de lutar em si: de um lado, o mundanismo, do outro a ambição do divino... E sentindo a luta, buscava a paz das estrelas para o seu espírito,

Casa-Tôrre de Loyola

estrelas que, em Roma, depois o arrebatavam, pois elevado dizia: «que vil me parece a terra quando contemplo o céu»!

Desligado, pouco a pouco, dos interesses terrenais, teve nos exemplos dos Santos os seus conselheiros. Sentiu o desgosto de si mesmo, do mundo, da sua vida de pecado. Como é verdade o juramento de Cristo: «vão à frente dos justos orgulhosos as turbas de penitentes publicanos, de mulheres arrependidas»!

Inácio sonhou deixar a Vascónia, a Espanha, o solar, a côrte, testemunhas das suas loucuras, e partir para Jerusalém! Ser peregrino! Esquecer-se de si próprio para só buscar o que Deus lhe punha na alma...

Por fim de fevereiro de 1522, Inácio arrancou-se aos braços da sua mãe idosa, não cedeu às instâncias desconfiadas de Martim, o mais velho dos manos, e, cavalgando, seguiu o caminho de Navarra. Vigília de armas em Monserrate... Confissão entre lágrimas... Depois, a cova de Manresa, em penitência dura. A loucura antiga cede à loucura da Cruz... Domina-o o espírito de fazer grandes coisas por Deus! .. Os seus amores de romance e de pecado foram abrasados pelos de Cristo.

Convalescendo, Inácio dá-se a Deus...
(Escultura, na Casa-Tôrre)

•

Ditando memórias ao Padre Gonçalves da Câmara, disse Inácio que, doente, em Loyola, pensava entrar na Cartuxa de Miraflores, em Burgos, e mandara criado a informar-se da vida dos monges de S. Bruno. O seu pensamento de sacrifício era de exílio do mundo, no mundo, na Castela-a-Velha!

Santo Inácio — Carvão de H. Franco

Mas correspondia a paz claustral do contemplativo à inquietação do gentil-homem de Arévalo?

Se se fizera cartuxo, não teríamos Inácio, com os seus, na luta pela Igreja. Não teríamos a sua mística e, com ela e a sua obra, os Santos formados na sua escola dos Exercícios. E os protestantes não teriam encontrado pela frente a sentinela da sua milícia, sempre pronta a afrontar os maiores perigos e a estar onde eles se levantam.

Nem as almas teriam sido libertas da escravatura jansenista.

Pelo «sim» de Iñigo quantas causas de Deus o glorificam. Quantas se perdem por um não?! Quanto se malbarata pela incompreensão do Espírito Santo que passa?!...

Ele compreendeu a vontade divina e não foi peso morto no plano da Providência, e sem estas qualidades, defeitos se transformaram em bens de altura.

Deixar-se ser instrumento de Deus é o segredo das grandes coisas e, com ele, operou Inácio, foi a sua glória por a do Senhor o dominar. Companhia de Jesus, suas Missões, Santa Marta, para as caídas, Santa Catarina dos Cordoeiros, para as raparigas, e apesar das más vontades de dentro e de fora da Igreja, os seus colégios e universidades, multiplicados pelo mundo, foram frutos de ver sempre com grandeza.

Inácio diz bem: «Não suspeitamos que grandes coisas Deus faria, por nós, se nos lançássemos, de uma vez para sempre, nos seus braços»!

O abandono da sua glória militar e de família foi a sua exaltação. O castelo de Loyola tornou-se Colégio Noviciado, alfobre de campeões de Cristo...

Fazer grandes coisas, foram pensamento e vida do gentil-homem da côrte de Isabel-a-Católica.

Para a moderna mesquinhês a transformação de Iñigo foi loucura! Seja! Mas é com loucos, como Inácio, que Deus conta para a beleza da elevação humana, embora revolucionando o mundo caído nas misérias morais, e perdido o norte da sublimidade para que foi criado o homem à imagem e semelhança de Deus.

Faltam almas irmãs da generosidade do donzel de Arévalo, do penitente de Manresa, do Santo e Apóstolo do amor de Jesus Cristo, sua paixão e sua vida!...

J. da Costa Lima

Capela da Conversão, na Casa-Tôrre, de Loyola

ATENÇÃO ÀS CRIANÇAS

AS vossas férias serão alegres, quentes, saudáveis.

Tudo e todos vos sorriem e esperam com ansiedade; encheis de mais luz e cor, de mais encanto os meses felizes de sol radioso: o verão.

O vosso riso puro e os vossos cantares alegres são o verbo da natureza. Sois o seu complemento vivo e exuberante; *sois a Mocidade!*

. . . .

Em redor de vós estarão, gozando e brincando, irmãozitos, primas e primos pequenos... e sobrinhos (quem sabe), vizinhos e amigos; a «raça miúda» boliçosa — todos eles espertos e endiabrados — que vos vigia, escuta e prescruta e em breve vos imitará.

As bonecas vivas de 1, 2 e 3 anos e mais com quem gostareis brincar e acariciar. Os de 6, 7, 8 e 9 anos já espigados e precoces, não dão menos trabalho.

Mas são mais temíveis ainda os de 10, 11 e 12 anos com pretenções a gente grande. Espiam-lhe as atitudes, os gestos e as expressões; espreitam e tudo observam; tudo ouvem: os cómodos e fáceis *«não percebem»* ou *«não tem importância»* acompanhados dum olhar de soslaio, falso e comprometedor. E fixam e repetem maquinalmente palavras inadvertidas, dum falar «à vontade», cujo sentido depressa desvendam.

Sem a *razão* formada, a criança repete o que ouve, imita e reproduz o que vê.

Testemunha hora-hora dum viver desrecatado de usos livres e hábitos deseducadores, rodeada de imperdoável frivolidade e leviandade, a inocência indefesa é queimada à nascença com o fogo da impureza e materialidade, antes de desabrochar e madurecer por si, formando o carácter — sua única protecção futura.

Eis a vida estiolada da grande maioria desses pequenos seres humanos cujos direitos se desprezam!

. . . .

No encanto e na beleza saudável dos nossos campos e praias, junto ao azul transparente da nossa costa marinha, não estareis sós, isoladas. Em redor de vós, estarão os vossos irmãozitos e primos... e ainda outros e talvez muitos pequenitos.

Atenção às crianças!

E' este o grito lançado em todo o país.[1] Também vós sereis vigias e defensoras das suas almas em flor, da sua inocência.

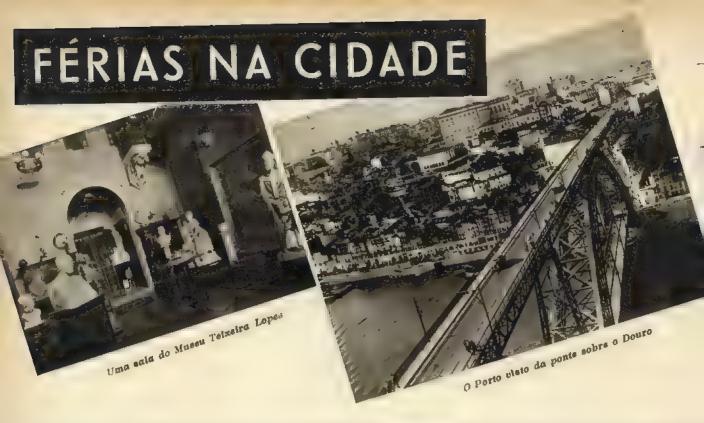
A vossa ternura e desvêlo, num exemplo prático e esclarecido, farão desprender-se e carinhosamente, e maternalmente abrir-se, o manto azul da nossa Padroeira, a proteger todas as criancinhas.

M. Amélia de Lemos Santos

[1] Esta é a preparação remota para a Consagração das crianças a Nossa Senhora da Conceição, neste 3.º centenário do seu padroado, a realizar em todo o Portugal a 7 de Dezembro.

FÉRIAS NA CIDADE

Uma sala do Museu Teixeira Lopes

O Porto visto da ponte sobre o Douro

Nem a todas as filiadas da M. P. F. será dado, talvez, partir para o campo ou para a praia a gozar as suas férias.

As casas estão caras... Obrigações profissionais prendem o Pai... Doenças na família não permitem um deslocamento...

Enfim, por qualquer motivo, tens de ficar na tua casa da cidade.

Mas não te desconsoles! Se não podes afastar-te do teu meio habitual, se tens de ficar enquanto outros partem, nem por isso deves renunciar ao prazer de veres coisas novas e de animares o tempo das tuas férias.

Suponhamos, por exemplo, que vives no Porto. Uma grande cidade, cujas ruas principais estás cansada de percorrer e onde tudo te é tão familiar que já nada tem interesse para ti. Aqui nasceste, aqui tens vivido.

Mas tens a certeza que conheces bem a tua terra? Que não te resta nenhum monumento importante para visitar? Nenhuma curiosidade histórica ou obra de arte para apreciares?

Se tantas pessoas vão ao Porto em viagem de Turismo, porque não hás-de tu, que vives no Porto, fazeres-te também *Turista*?!

Experimenta, e verás que descobres horizontes novos e mil motivos de interesse, talvez mesmo à tua porta.

Já visitaste todas as igrejas da cidade? Carmelitas, Carmo, Clérigos, Congregados, Grilos, Lapa (onde está o mausoleu que encerra o coração de D. Pedro V), Misericórdia, (onde o quadro *Fons Vitae* bastaria para te merecer uma visita), S. Francisco, Sta. Clara S. Bento da Vitória, Trindade, Cedofeita, Sto Ildefonso, etc.? Sem já falar da Sé, a qual, por muitas vezes que lá tenhas ido, te reserva ainda muitas surpresas, se te deres ao trabalho de a observares com cuidado.

Numa igreja há sempre tanto que ver!

E os Museus, já os visitaste? O Museu de Soares dos Reis (no Palácio das Carrancas) e o Museu de Teixeira Lopes, em Gaia?

Talvez nunca tivesses entrado em nenhum deles...

Se já lá foste, volta, que não te arrependerás! As obras de arte, quanto mais se contemplam, mais belezas nos revelam.

E as velharias preciosas do Porto, já as conheces todas?

A Casa do Infante D. Henrique; o velho burgo com as suas casas típicas, nichos, padrões e chafarizes; as muralhas Fernandinas, a Torre de Pedro Sem, etc.

Se gostas de *altitudes*, já subiste às Torres dos Clérigos, da Lapa e da Trindade?

Talvez até te seja possível dares uns passeios pelos arredores. Se gostas do mar, tens a Foz a dois passos; se preferes outro panorama, sobe à Serra do Pilar.

Se de todo não podes sair da cidade, o Jardim de Cristal oferece-te as suas sombras; procura recantos afastados e terás a impressão de estar... noutro lugar!

Já reparaste, com olhos de ver, nas curiosidades folclóricas do Porto? Os barcos rabelos que percorrem o Douro, os jogos dos carros de bois, etc.

E já alguma vez paraste sobre a ponte a admirar o espectáculo magnífico que dali se disfruta?

Tudo isto são coisas que se vem de longe admirar...

E tu, que és filha do Porto, dessa «antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade» desconhece-las talvez!...

Nas horas que passares em casa não faltará com que te entreter. Já te deste alguma vez ao trabalho de ler qualquer livro onde venham contados os feitos históricos da tua cidade?

Talvez não saibas que foi dali que os cruzados, a pedido do Bispo D. Pedro Pitões, desceram a costa para prestar auxílio a D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa.

E que foi o Porto que mais generosamente concorreu para a armada que conquistou Ceuta...

E que eram do Porto muitos dos herois da epopeia das descobertas...

E que o Porto se distinguiu nas guerras da Restauração e foi o primeiro a levantar-se contra as invasões francesas, etc., etc.

E quem sabe? Talvez ignores até (mas não creio, seria vergonha!...) que foi no Porto que teve origem o «nosso eterno Portugal».

. . . .

Mas não é só no Porto que se poderão gozar férias interessantes; em qualquer cidade de Portugal onde tenhas a tua residência encontrarás coisas curiosas e novas para ver.

Faze o teu plano e parte em *excursões* com um bom livro que te sirva de cicerone — e manda-nos dizer se temos razão ou não em te afirmar que mesmo sem viagens de comboio ou automóvel poderás passar umas férias instrutivas e agradáveis!

Porta da casa do Infante D. Henrique

Claustro da Sé do Porto

Que rumo dar à minha vida?

Foto: Moretti

ACABASTE o curso dos Liceus. Dás por terminados os teus estudos ou continuas a estudar?

Se consideras acabada a tua vida de estudante, não te deixes tentar por uma vida inútil. Agora parece-te que *não fazer nada* será a máxima felicidade. Não ter a preocupação de aulas, lições a preparar, horários a que obedecer, que sonho! Afigura-se-te que o tempo voará quando o puderes *perder* ao teu agrado. Enganas-te! O tempo para os ociosos arrasta-se sem prazer. Aquilo mesmo a que se chamam *prazeres* não consegue encher o vazio duma vida sem préstimo.

Se deixas de estudar, mete dentro da tua vida qualquer coisa de útil. Há tanto bem para fazer! Tantas instituições a que a tua mocidade poderá levar vida nova como o dinamismo das tuas qualidades juvenis, que iriam movimentar essas obras, talvez enfraquecidas por falta de pessoas que trabalhem, ou antiquadas nos seus métodos.

Se gostas de estudar, embora não te apeteça frequentar uma Faculdade, porque não hás-de prolongar os teus estudos para adquirires uma preparação social que te tornará apta a desempenhar com perfeição, e, por conseguinte, com mais rendimento, os serviços a que te dedicares?

Já ouviste falar do Instituto de Serviço Social?

Se hesitas na orientação a dar à tua vida, dirige para ali o *leme* da tua embarcação: o rumo é seguro e irás abordar à *Terra prometida* onde encontrarás a felicidade numa vida útil e interessante.

Tudo o que ali aprenderes te valorizará pessoalmente e enriquecerá a tua vida, familiar e social.

E se precisares de ganhar a vida, ficas habilitada para o fazer.

Como Assistente Social ou Educadora Familiar terás colocação certa e bem remunerada. Ainda há pouco saiu um decreto que só admite nos Serviços Sociais Corporativos assistentes diplomadas pelo Instituto de Serviço Social de Lisboa ou Escola Normal Social de Coimbra. É o próprio Estado a reconhecer e legalizar as Escolas de Serviço Social, as únicas que dão preparação competente para o cabal desempenho de certos lugares.

De resto, de toda a parte estão a pedir Assistentes Sociais e Educadoras Familiares; se mais houvesse, mais estariam empregadas, mas são muito mais os pedidos do que o número de diplomadas. Aqui, não existe crise de desemprêgo!...

O curso do Instituto de Serviço Social tem a duração de 3 anos, seguidos de um estágio prático. E não é muito, para tanto que ha para aprender, sob o ponto de vista intelectual e técnico.

A teoria abrange um vasto campo de conhecimentos científicos, e a parte técnica e prática compreende os mais modernos métodos de trabalho.

A cultura ministrada no Instituto de Serviço Social não é inferior à de uma formatura, com a diferença que, ali, não se aprende nada de inútil e toda a formação visa tambem ao aperfeiçoamento moral das alunas.

São dois cursos em que tudo se tem a ganhar; mesmo que o diploma fique ao canto da gaveta — porque se não quis profissionalmente aproveitá-lo esse diploma vale um bom dote porque é a melhor preparação para a vida de família.

Se andas, pois, com a tua barquinha a vogar ainda sem destino, deita mão ao *leme* e dirige-o para o Instituto de Serviço Social. Irás bem encaminhada!

Modas

Silvina parte este ano para a praia. Com tempo preparou as suas coisas de forma a estar prática e elegantemente vestida em todas as ocasiões.

N.º 1 — Vestido de praia duma simplicidade muito juvenil, guarnecido com «biquinhos» no decote, mangas e algibeiras. Deve ser feito em algodão liso de cor forte, vermelho, azul da prússia, ou verde. Tambem fica encantador executado em «cretone» estampado.

N.º 2 — Sandálias de praia feitas por Silvina. As solas de corda são cosidas uma à outra com um cordel e uma agulha de enfardar. As tiras de «cretone» condizentes com a cor do vestido de praia são cosidas por dentro. Colocar-se-lhe-á uma palmilha de cortiça (com grude) para evitar de maguar o pé. As tiras cruzam no tornozelo e atam adiante. Simples, bonito e conómico, alem de muito prático para andar na areia.

N.º 3 — Para as tardes frescas da beira-mar fez Silvina uma camisola côr de cereja que ficará muito bem sobre a sua blusa branca e a saia azul de sarja do inverno.

N.º 4 — Vestido de chita simples, para os passeios no pinhal, patinagem, praia, etc.

* * *

Joana fica em Lisboa, mas descansa e diverte-se à mesma. Para isso modificou o seu velho vestido branco de saia e casaco (n.º 5). Tirou-lhe as bandas e aplicou-lhe uns bolsos engraçados. A vantagem das cores neutras e do branco ou preto é parecerem sempre novos os fatos porque nunca cansam e estão sempre à moda. Outro tanto não diremos dos estampados. Joana aproveitou o vestido do ano anterior (já um tanto cansado) e fez dele uma blusa, luvas e um turbante (estampado branco-azul-marinho e vermelho). Como Joana é geitosa! Com este conjunto irá visitar as amigas à praia ou na cidade. A engraçada mala a tiracolo executou a em oleado azul-marinho com a alça vermelha.

N.º 6 — O vestido de tarde que Joana usará este verão e com o qual conta ir à Feira Popular.

N.º 7 — O vestido de chita que Joana usa em casa e com o qual vai às vezes a Caxias de manhã para tomar banho e aos passeios ao campo com as amigas.

* * *

Lusia tem a sorte de ir para uma quinta no norte do país.

N.º 8 — O vestido com que Lusia vai às compras à cidade e usa de tarde quando há visitas. E' feito em «Valona» côr crua, com cinto de cabedal. Saco, luvas e gorro feitos de lenços de Alcobaça ou de Guimarães em tom azul escuro e amarelo.

N.º 9 — Vestido de algodão estampado vermelho e branco para de tarde, passeios e pic-nics.

N.º 10 — De manhã Lusia usa vulgarmente uma blusa e uma saia de ganga azul que se lavam e engomam fàcilmente para à vontade vagar nos trabalhos caseiros, na colheita das frutas e das flores, etc.

VERDADES

A elegância consiste em grande parte na simplicidade

As pessoas que falam difícil ou com voz, gestos e expressões afectadas, fazem sempre triste figura e tornam-se bastante rídiculas por falta de naturalidade.

* *

O espalhafato que certas pessoas fazem para atrair a atenção sobre si, é de grande mau gosto. Nada mais disfrutável que uma pessoa presumida.

* *

A boa educação conhece-se de longe e não precisa de arautos nem de rèclames. Impõe-se naturalmente.

* *

Em todas as classes pode haver pessoas *finas*, mas estas são geralmente simples e modestas. Quando uma pessoa é *fina de sentimentos* deve também procurar parecê-lo pelas suas atitudes modestas sem exagêro, naturais sem alarde: pelas suas conversas sensatas, pela maneira de trajar apropriada, etc.

* *

Quem tem pouco dinheiro deve vestir-se consoante a sua bolsa e não se envergonhar da sua pobreza, pois se gastar mais do que as suas posses, terá que se sujeitar às críticas mais ou menos justas sobre a sua honestidade.

* *

A muitas raparigas custa-lhes resistir ao desejo de brilhar e ao atractivo do luxo, e por isso se julgam infelizes. No entanto, sabe Deus se é justamente aí que reside a sua felicidade...

* *

Uma vida brilhante nem todos a podem ter, mas, a cada um de nós Deus dá o quinhão que lhe compete, para que dele façamos o melhor uso e tiremos o melhor partido.

* *

Nem toda a gente estaria à altura duma posição eminente ou duma grande fortuna. As grandes fortunas têm grandes responsabilidades e grandes deveres. Tornam-se portanto muito pesadas.

* *

A nossa riqueza reside verdadeiramente dentro da medida da nossa ambição. Aquele que ambiciona muito, encontrar-se-á sempre àquem do seu desejo e portanto sempre pobre comparativamente.

* *

A verdadeira felicidade deve consistir na verdadeira aceitação do nosso destino tal como foi traçado por Deus. Dessa aceitação resulta a harmonia simples e natural e, portanto, a felicidade.

Parece fácil, mas não é; poucas são as pessoas que *aceitam*. Algumas *resignam-se*: é um remédio triste à falta de melhor.

* *

«Não é no vasto mundo, por imenso
que ele pareça à nossa fantasia,
que cabe o meu desejo intenso».

ANTERO DE QUENTAL

Para *aceitar* e viver em paz alegre e viva é preciso não deixar penetrar no pensamento nem no coração o mais pequenino grão de inveja. Tão subtil é a inveja, que às vezes não se dá por ela.

* *

Anda a inveja de mãos dadas com a vaidade, a cubiça, a ambição e o amor próprio. Também este é bastante nocivo, pois damos-lhe bastas vezes ouvidos e com ele encobrimos o nosso orgulho, a nossa vaidade, etc.

* *

Se fossemos mais simples, seriamos mais felizes. As complicações não servem senão para preencher o vasio das vidas inúteis e estéreis. Assim não serão as nossas vidas, espero!...

* *

Seremos úteis nestas férias como em toda a nossa vida e faremos por ser boas, simples, sinceras, e muito naturalmente tornar-nos-êmos mais *distintas* moralmente, bem como aparentemente.

MARIA BENEDITA

“LÉNO”, a Princesinha do ar

HOJE vou contar-vos uma história de fadas. Mas uma história de fadas, passada no século vinte.

«Era uma vez um pai e uma mãe a quem nasceu uma filha. Isto passou-se em Paris, no ano de 1908, quando o sol de Julho iluminava e aquecia a terra com o esplendor dos seus raios doirados. A menina era tão linda, que mais parecia uma princesinha d'outrora do que um bébé dos nossos dias. Cabelos cor do sol, branca como a neve, coradinha como a romã, olhos garços e aveludados em amendoa, mãos esguias, elegante e bem feita.

Puzeram-lhe o nome de Helena, mas pais e amigos chamaram-lhe sempre «Léno».

No dia do baptizado houve festa em casa. Noël, o irmão mais velho, contemplava embevecido a pequenina que dormia no seu berço branco. — Ela está linda, mamã, e a sorrir!... Se agora viessem as fadas, como no conto da Bela Adormecida?

E as fadas vieram. Entraram pela janela semi-cerrada; bailando na poeira doirada do sol de estio, leves como penas de passarinho, e uma a uma foram beijar a testa da criancinha.

«Eu te fado para que sejas meiga e boa», disse a primeira.

«Eu te fado para que tenhas a agilidade da gazela, e mãos de prata», disse a segunda.

«Eu te fado para que sejas leal e amiga de servir a todos», disse a terceira.

«Eu te fado para que sejas pura», disse a quarta. E cada qual destinava-lhe um dom de maravilha, até que a última, não sabendo que mais oferecer, exclamou: «Eu te fado para que tenhas uma vontade de ferro, capaz de vencer todos os obstáculos».

Ora esta fada estava zangada com outra rabujenta e má, que por isso não tinha vindo ao baptizado de «Léno», mas que ao ouvir a sua colega proferir tão belo voto, montou a cavalho numa nuvem, chegou perto da janela e entrou de repelão pelo quarto, gritando com voz roufenha: «Pois eu te fado para que nunca estejas satisfeita e aspires sempre a mais e melhor!» As fadas ficaram suspensas de admiração! A rabujenta embrulhou-se na sua capa cinzenta, cor do pó, e num pé de vento saiu pela janela, enquanto o bébé abria os olhos e chorava pedindo já qualquer coisa, mas ninguem adivinhava o que fosse!

. . . .

A menina cresceu, e como ela cresceram tambem os dons que recebera.

Era alegre, leal, estudiosa, boa... mas nunca estava satisfeita! No fundo do seu coração desejava sempre mais qualquer coisa; porem, como tinha uma vontade de ferro, lutava desesperadamente até conseguir o seu desejo. Mal o satisfazia vinha-lhe logo outro...

A familia Boucher costumava ir nas férias para a Beance, essa vasta planicie, celeiro da França, que o poeta Carlos Pégny descreveu deste modo:

«Dois mil anos de trabalho fizeram desta terra um reservatório sem fim, para os tempos futuros.»

Léno olhava a planicie imensa... e sonhava... O que estará para lá desta terra tão grande?!

— Outras, muitas outras terras, diziam-lhe.

E Léno pensava: Como poderei vê-las a todas? Donde?

— Só do céu! volveu-lhe alguém.

— Só do céu, repetiu a pequena, pensativa, enquanto seguia com a vista o vôo rápido e elegante dum passarinho.

. . . .

O tempo vai passando. «Léno» tem agora dezasseis anos. Devora-a uma sêde imensa de saber. Para se aperfeiçoar no estudo da lingua inglesa, não hesita em vencer uma das suas maiores fraquezas: o medo de atravessar o mar, e vai para Inglaterra. Passa tormentos, adoece, mas vai. A escola que frequenta tem uma disciplina austera, a comida repugna-lhe, os exercicios fisicos abatem-na, mas continua sempre, visto que a sua «vontade é de ferro». Chega a ser a primeira da classe. Todos a estimam e admiram porque Léno conserva sempre como reflexo daquela bondade recebida no *berço*, um sorriso que atrai e conforta.

De volta à Pátria, encontra os pais em sérias dificuldades económicas. Seu pai, o arquitecto Boucher, tem mais projectos na cabeça, do que realizações práticas. Léno conhece todas as dificuldades da «luta pela vida». Os empregos não aparecem. Por outro lado sente um desejo enorme de triunfar, seja no que for! Por espirito de vaidade? Não! E' que teve desde garota o horror do mediocre.

— Um dia te casarás, diz-lhe a mãe!

— Assim o espero! Mas devo preparà-lo vivendo uma vida sã e util aos meus.

E Léno, «fadada com mãos de prata», dedica-se ao corte e costura, cose horas a fio, dobrada sobre o trabalho, a tal ponto que anemisa. Procura então emprego mais leve; faz-se «caixeira» duma loja de modas. Esforça-se com afinco para obter o lugar de chefe de vendas, mas sempre com lealdade. As colegas apreciam-na, fazem-lhe confidências e escutam os seus conselhos.

Quando o desejado lugar está prestes a ser alcançado sobrevem-lhe uma apendicite. E' forçada a abandonar o emprêgo. Trata-se. Volta de novo à carga. Triunfa... chega a encarregada de armazem... mas este vê-se obrigado a fechar as portas por causa da grande crise económica de 1930.

«Léno» não perde a coragem. O seu coração de excelente cristã fá-la levantar os olhos para o Céu! O céu de Paris... e Léno repara no vôo rápido dos pardais do jardim do Luxemburgo... recorda-se dos seus tempos de criança, das férias, daquele passarito atravessando o céu de Beance... do seu desejo de olhar o Mundo... de bem alto, donde só as estrelas e Deus o podem ver!

«Vou tentar a aviação!...» diz, resoluta; e a quatro de Julho de 1930 recebe o baptismo do ar.

Não se pense que a proeza foi fácil. Houve que demover os pais... e houve principalmente que vencer outro dos seus pavores: o de voar!

Léno, a medrosa que gritava ao ver um rato, tripulando agora um avião! *Querer* é poder!

Obtem rapidamente a carta de piloto e faz pasmar de maravilha os mestres e camaradas. Mas precisa de ganhar a vida, comprar um aparelho para poder voar. Lança-se na acobracia, ganha concursos e provas dificilimas, bate «recorda» de velocidade. Torna-se conhecida. Um dia, resolve realizar o seu desejo... ver o mundo todo lá do alto. Estuda, faz cálculos e planos, documenta-se, e parte num «raid» Paris-Saigão.

As primeias jornadas decorrem sem novidade «Paris-Pisa», «Pisa-Nápoles», «Nápoles-Atenas», a quarta «Atenas-Alep» oferece-lhe grandes dificuldades — técnicas e psicológicas — são 1.300 quilómetros entre o céu e a água do mar!... Agora segue rumo a Bagdad. Viagem de maravilha. A princesinha bem fadada, segue pelo ar como as personagens das «Mil e uma noites», sonha... mas sonha acordada! — que ruido é aquele?!... Rompeu-se o tubo da gazolina... E' preciso descer, aterrar a toda a pressa... senão...

O avião baixa. Está em Ramadi, em pleno deserto. Passa uma noite sòzinha, perdida, no areal imenso. Por fim, chegam os primeiros habitantes — iraquianos rudes. E' preciso defender a vida e o avião, de revolver em punho.

Após grandes esforços chegam socorros. Volta à pátria, com o avião perdido e mais um sonho desfeito. Outra teria renunciado para sempre. Léno, sente ainda

APRENDE A SER FELIZ!

Foto: Weiss

DURANTE meses, talvez, viveste a sonhar com as férias. Quantas horas felizes a imaginar a alegria da partida e a antegozar o prazer da tua vilegiatura no campo ou na praia!

Parecia-te que as férias nunca mais chegavam... Ah! mas quando chegassem, ninguem seria mais feliz do que tu!...

Eis-te em férias. Alcançaste o que desejavas. Mas, então, porque andas aborrecida, descontente?! Não te parece ingratidão para com Deus que satisfez os teus desejos e uma contradição contigo mesma?

Será a felicidade só um desejo e uma esperança? E' preciso aprenderes a ser feliz. Não estragues a tua felicidade com novos e talvez impossiveis desejos e com o mau humor das pequenas e inevitáveis contrariedades da vida. Aprecia o que tens. Goza o momento presente. Procura ver o lado bom e luminoso de tudo.

As férias serão uma coisa deliciosa se as souberes viver, sem complicações, com simplicidade, respirando a alegria como quem respira o ar puro.

Sabe Deus os sacrifícios que teus pais tiveram de fazer para te proporcionar as ambicionadas férias. Mostra-te contente. Tira proveito de tudo para o corpo e para a alma. E' a melhor maneira de lhes manifestares a tua gratidão.

Se soubesses como é feio e antipático ver uma rapariga a dizer-se massada de tudo... porque sofre de fartura!

Não sejas assim. Aceita todos os bens com alegria — e vive toda a alegria dando graças a Deus.

Um raio de sol deveria bastar-nos para sermos felizes; e temos tanta coisa boa!

---

mais coragem para lutar até vencer. Arranja um lugar de aviadora da casa Candron-Renault. Faz-se piloto de carreira. Vôa de dia, de noite, estuda, trabalha. Ganha novos concursos e atinge o auge do triunfo! O sol da glória! O seu brilho porém, não a cega de vaidade.

Continua a mesma rapariga simples. Faz «tricot» e ajuda a mãe. Não esquece as pobres costureirinhas que visita e continua a aconselhar contra as maldades do mundo, que ela conhece tão bem. Ajuda as colegas «caixeiras» levando-lhes freguesas ricas e vendendo ela própria os modelos por bom preço, só para as auxiliar. Chovem as cartas, os aplausos, as flores, as entrevistas nos jornais e Léno afirma numa dessas reportagens: «Sou feliz. O meu ideal, enche-me a vida; mas se um dia encontrasse um companheiro de jornada, creia que facilmente abandodonaria a aviação para me dedicar ao meu marido, ao meu lar, à educação de meus filhos».

A mulher-pássaro reconhece que só o lar é o seu verdadeiro ninho. Tem vinte e seis anos. E' bonita e inteligente. Os homens admiram-na, mas principalmente respeitam-na porque Helena não é uma «mulher homem», ou uma «coquette», antes uma rapariga simples que não admite o «flirt», sempre pronta a atender a todos igualmente, transfornando a camaradagem em amizade, coisa tão difícil entre mulheres, quanto mais entre sexos diferentes. Que mais desejará a sua vontade de ferro e o seu coração de oiro?

Servir a Pátria, servir o seu povo, tornando os aviões franceses conhecidos mundialmente.

* * *

30 de Novembro de 1934.

No dia seguinte tripulará um avião diante de uma comissão de técnicos estrangeiros, vindos expressamente para verificar o rendimento dos aparelhos. Há dois meses que não vôa.

E' preciso treinar-se.

Dirige-se ao aeródromo. Sobe para o aparelho, pálida como sempre, mas a sorrir. Levanta vôo, eleva-se no espaço... todos os olhos a seguem...

Lá está a Princesinha do ar vendo o mundo dessas alturas de onde só Deus e as estrêlas o contemplam.

E' a última andorinha no céu enevoado do outono.

....

Um ruido seco. O avião perde velocidade e vem despedaçar-se no solo, no meio de um bosque, qual folha morta.

No Panteão dos Inválidos, ao lado dos maiores homens da França, dorme agora o seu sono «de eternos cem anos», a bela princesinha do ar.

As gerações futuras lerão no mármore esta inscrição comemorando a única mulher ali presente:

«Helena Boucher (1908-1934). Piloto de grande classe. Realizou em pouco tempo os «recordes» mais invejados, graças à sua perícia e audácia refletida. Modesta, simples e valorosa.

Personifica a rapariga francesa»... e a humanidade inteira, podemos acrescentar, visto o homem poder definir-se:

«Um ser feito para se ultrapassar na acção».

ADRIANA RODRIGUES

PARA LER AO SERÃO

— por — Maria Paula de Azevedo

ALEGRIAS E TRISTEZAS

I

Parecia coisa indiscutível que a encantadora Maria de Lourdes de Almeida era a rapariga mais feliz do rancho de meninas, reunidas naquela tarde de Março em casa do Dr. Pimentel de Almeida e de D. Mecia, sua mulher.

Vestida com elegância sóbria, um vestido de forma simples em «sablé» verde pálido, a alegria estampada no semblante, Maria de Lourdes andava entre as amigas espalhando a sua irresistível simpatia.

E a possante grafonola animava a tarde com uma série de valsas de Schubert e de Strauss, embora não houvesse rapazes e não se dançasse naquela tarde.

— A tua grafonola é qualquer coisa de formidável, Lourdes! — disse Isabel quando o disco chegou ao fim.

— E os teus discos são tantos e tão bons que há para todos os gostos — concluiu Adelaide.

— Para mim só contam os foxes, os tangos, as rumbas, os swings... — declarou Rosa, esboçando uns passos.

— Porque será que há tantas críticas à dança, agora? Os padres ralham, as mães não gostam, e às vezes os pais nem deixam... — suspirou Maria do Carmo.

Maria de Lourdes explicou:

— Eu sei muito bem porque é, e, a falar a verdade, acho que têem razão.

— O quê?! — gritaram algumas.

— Sim acho. Porque essas danças todas tornam-se bastante ordinárias, valha a verdade! Não é pela dança em si, talvez; é pela maneira de se dançar com os rapazes agarrados a nós como lapas! Cá por mim detesto o género, e se todas nós protestássemos, eles dançavam doutra maneira. Era bem bom... e faziamos todos melhor figura.

— Nem todos os rapazes dançam assim, Lourdes — observou Alicinha — e já tenho reparado que tu e o João...

— E' que eu, como lhes disse ainda agora, detesto o género do par colado um ao outro; acho isso ordinário. E o João sabe-o.

— Mas as danças modernas são assim mesmo; que mal há nisso?

— Maior do que tu julgas, Adelaide; basta que o digam as pessoas entendidas. Por isso, sabem vocês uma coisa? era interessante que nós todas, raparigas católicas, constituíssemos uma espécie de Liga contra tudo o que não deve fazer-se!

— Não será uma espiga?

— E' estupenda a ideia, simplesmente.

— E não dirão, depois, que somos possidónias e botas de elástico?

— Qual! Dirão das da «liga»: estas são as que não fazem nada de proibido: é colossal!

— E sabem o que eu acho sempre bem? E' ter-se a coragem das opiniões.

— Mas afinal sabemos nós bem o que é permitido ou proibido?

— Perfeitamente: é facílimo saber, porque só é proibido o que é feio, ordinário, pouco decente, pouco digno — concluiu Maria de Lourdes.

E acrescentou:

— Ir à igreja sem nada na cabeça, sem meias, sem um casaquito, quando as mangas forem acima do cotovelo; dançar colada ao par; usar fatos de banho pouco próprios...

— Eu declaro que quero entrar nessa liga, Lourdes — exclamou Alicinha com energia, embora tivesse só quinze anos.

— Eu não sei ainda: tenho medo do ridículo, sabem? — disse Isabel, pensativa.

— O baile de ontem esteve estupendo — exclamou Adelaide.

— Ainda me diverti mais no chá do Aviz — disse Isabel, comendo, com delícia, um bolo.

— E tu, Maria de Lourdes, não dás a tua opinião? — perguntou Alicinha.

— Está-se a ver o que ela pensa — tornou Adelaide. — Onde está o seu noivo, o seu «mais-que-tudo», tanto se lhe dá que seja no Aviz, como no Grémio Alentejano, como no Espelho de Agua...

— E é assim mesmo — declarou Maria de Lourdes, satisfeita.

— Deve ser bom estar noiva... — suspirou Alicinha.

— Já a formiga tem catarro! — troçou Maria do Carmo, a mais velha do rancho.

— Há muitas raparigas que aos quinze anos se fartam de flirtar — respondeu Alicinha, melindrada.

— Detestável costume esse — cortou Maria de Lourdes.

Alicinha olhou-a, admirada, e disse:

— Mas assim é que começa o noivado! E tu mesma, Lourdes...

— Nada disso — disse Maria de Lourdes. — Primeiro que tudo, quando conheci o João tinha dezoito anos e não quinze, como tu: depois, começámos logo a conversar um com o outro sobre tudo quanto há...

— Então o que é isso sendo flirt ou namoro? — perguntou Alicinha.

— O «flirt» é uma coisa no ar, sem base... — disse Lourdes.

— Ora, meninas — disse Adelaide — Não há uma linha certa a marcar o que é flirt, o que é simpatia, o que é namoro...

— A tua sorte, Lourdes, foi encontrares logo o João com o curso acabado, uma posição na sociedade, a idade própria, tudo! — tornou Alicinha.

— Nunca me canço de dar graças a Deus por ter encontrado o João...

— E depois — tornou Maria do Carmo — vocês estão tão bem um para o outro! A tua fortuna é colossal ao pé da dele, é verdade; mas tudo está ao pintar, em ambos.

— E quando casam, Lourdes? — perguntou Rosa.

— Daqui a tres meses, se Deus quizer!

— O teu primo Joaquim é que não tem consolação, coitado: ha quem diga que ele pediu para ir no lugar dum colega para cascos de rolhas! — disse Isabel.

— Para mim o Joaquim é como um irmão — declarou Maria de Lourdes.

— Pois sim, mas ele é que te não quere para mana — retorquiu Adelaide.

— Tenho tanto, ainda, que ler antes de me casar! quero-me preparar... — disse Maria de Lourdes. — O casamento é um acto tão grave... — acrescentou.

Todas a olharam admiradas.

— Que ideia é essa? Só a prática é que prepara as pessoas para o casamento: é o que diz a minha irmã Camila, casada há tres anos — declarou Isabel.

— E afinal de contas, para a felicidade há sempre o acaso — disse Maria do Carmo.

— Talvez... — murmurou Maria de Lourdes — mas eu quero ajudar um pouco esse acaso...

— Ter um marido de quem se gosta e uma tropa de garotos sãos e escorreitos é que é a felicidade — declarou Alicinha.

— Está certo, sim, mas é preciso saber conservar o amor do marido, a saude dos garotos... — disse Maria de Lourdes.

— O conforto da casa, a boa cosinha...

— As criadas perfeitas...

— E quantas coisas mais! — concluiu Maria de Lourdes.

Uma creada entrou, trazendo um telegrama.

— Para mim? — exclamou Maria de Lourdes, admirada.

— A menina faz favor de assinar — disse a creada.

— Vê de onde vem, sabes logo de quem é — lembrou Alicinha.

— O Pai deve chegar amanhã de Londres: e isto vem de Londres... — disse Maria de Lourdes, abrindo nervosamente o telegrama.

— Porque não viria para a Mãe? — murmurou antes de o ler.

— Anda, lê depressa — aconselhou uma.

Não posso partir por ora, receio o pior.
Prepara Mãe. Escrevo. Pai.

— O que quererá isto dizer? — suspirou Maria de Lourdes.

Agora, debruçadas sobre o seu colo, as raparigas iam comentando aquelas frases que traziam, talvez, graves modificações para a vida de Maria de Lourdes...

— Mostra o telegrama à tua mãe, coitada...

— Não faças isso: é o que o teu pai não quere.

— O que será o pior que o teu pai receia?

— Vão-se todas embora, queridas — murmurou Maria de Lourdes — vou ter com a Mãe e lêr a carta em sossego.

Beijando-se, tristemente, o ranchinho dispersou; e Maria de Lourdes ficou só com os seus pensamentos...

. . . .

O pai não chegara, ainda, de Londres; mas já em casa se sabia da triste situação em que ficava a familia com a descida súbita dos principais títulos que constituíam a grande fortuna do dr. Pimentel de Almeida; a ruína era total!

Maria de Lourdes aguentara a notícia com sangue frio e coragem, tentando animar a mãe a quem faltava, de todo, o ânimo.

— Trabalharemos ambas, Mãe! Não se deixe abater — dizia ela, abraçando a triste senhora.

— Trabalhar? Em quê, minha filha?!

— Já telefonei ao João para cá vir, Mãe — disse Maria de Lourdes. — Talvez nos aconselhe...

— O João... — murmurou a mãe, pensativa.

(Continua)

CONVERSAS

— Angélica, não sejas trouxa: ajuda-me a arranjar as flores do centro — gritou Berta, enquanto punha a mesa para aquele almoço do qual tinha toda a responsabilidade: coubera-lhe a sorte!

Angélica, instalada na sua poltrôna, fazendo «tricot», respondeu, serenamente:

— Nada disso, Bertinha: quando fôr a minha vez, tratarei de tudo sòsinha.

— Trouxa, trouxa, trouxa — concluiu Berta a rir.

Pouco depois entrou Alexandra e perguntou:

— O que vai ser o almoço, Berta?

— Qualquer coisa de espanpanente, menina; mas nada lhes digo: é surpresa!

Quando era uma hora, já as seis convidadas estavam na sala: Maria do Rosário, Luiza, Francisca, Júlia, Maria da Luz e Carmo. E Berta informou-as de que as conversas teriam de girar em tôrno do assunto escolhido pelo pai para aquele almoço:

História grega!

— Eu não abro a boca, nesse caso — murmurou Carmo, envergonhada — não sei nada de história grega!

Alexandra olhou-a, admirada: era tão interessante essa parte da História antiga!

— Não se trata aqui de mostrarmos erudição, meninas — disse Angélica — mas simplesmente de dar interesse às nossas conversas.

Quando chegaram à casa de jantar encantaram-se todas com o arranjo das flores: Berta tinha espalhado, duma maneira original, as multiplas «despedidas de verão», todas encarnadas e, aliás, sem grande beleza, numa roda larga, sem pés, rodeando uma linda taça de loiça da India com a sua tampa de tons discretos...

— Bravo, Berta: mostraste fantasia! — declarou o pai, satisfeito. A ementa não era tão simples como exigia a lei destes almoços: tomates recheados de «mayonaise» de atum; «gnocchi» à francêsa, vitela estufada com cebolinhas!

— Bastavam os dois pratos sem o luxo dos tomates — observou Mademoiselle Sixte, docemente.

— Concordo — disse o Dr. Menezes Pinto — nesta época de crise não se admite nenhum luxo culinário — Berta respondeu:

— Para a outra vez obedece-se: mas hoje era a *primeira* reunião; tinha de ser notável.

— Que sabes tu da vida privada das antigas gregas, Carminho? — tornou o Dr. Menezes Pinto, voltando-se para a pobre Carmo, tão sùbitamente corada como os tomates recheados...

Uma gargalhada de todas foi a resposta àquela pergunta. E Angélica, risonha e bondosa, disse:

— Oh Pai, deixe a Carmo antes ouvir: está esquecida do que aprendeu em pequenina...

— Sabemos bem que as mulheres da velha Grécia viviam muito recatadas: quase só saiam para as cerimónias religiosas, coitadas — disse Maria da Luz.

— Coitadas, porquê? Nessa parte da casa onde viviam — cortou Julia — tinham imensas creadas...

— Chama-lhe escravas, que é o que eram — disse Alexandra.

— Pois sim. E ali viviam alegremente, com as filhas, cosendo, tecendo, tocando harpa, ou qualquer instrumento parecido...

— E dançando danças artísticas... — meteu Berta.

— Decerto mais graciosas do que as de hoje — comentou o Dr. Menezes Pinto.

— As de agora são por força mais dinamicas! — declarou Maria do Rosário.

— Deixa-lo: eu gostava de saber danças gregas — observou Angélica.

— Falaste bem, Luz, mas não disseste como se chamava essa parte da casa onde viviam as mulheres gregas — disse Berta.

— Era o *gyneceo* — concluiu Maria da Luz.

— Então nunca os homens lá punham os pés? — preguntou o Dr. Menezes.

— O marido, ùnicamente. E quando as filhas chegavam aos quinze anos, os pais é que lhe escolhiam os futuros maridos.

— Ainda bem que não vivemos na velha Grécia — comentou Júlia.

— Mas que coisas interessantes havia nesses tempos! — disse M.elle Sixte — Poetas, escultores, dramaturgos...

— E olhem que é impressionante deveras pensar que depois de tantos anos, tantos séculos, tanta vida, ainda se vai à velha Grécia buscar assuntos, modêlos, ensinamentos!

— Eu já li algumas peças de teatro grego, sabes?

— E neste mesmo ano não escreveu o Júlio Dantas a peça «Antigona», que no D. Maria se deu com tanto êxito?

— A «Antigona» é uma figura colossal: è o tipo, absolutamente, da filha modelo e da irmã amorosa que se sacrifica...

— E tão adoravelmente feminina...

— Gostava que falassem um pouco na figura do grego que eu mais admiro: Pericles! — exclamou Alexandra, com entusiasmo.

— Tem de ficar para outro almoço, Xandra: não quero que com essas greguices todas não apreciem o meu delicioso doce! — disse Berta.

O pai, sorrindo, declarou, como conclusão:

— Realmente esta «mousse» de laranja está...

— Formidável! — gritou Luiza, que era essencialmente gulosa e para quem a História grega tinha um interesse muito reduzido...

Aviso às leitoras

Por engano da ilustradora desta página, houve troca de original: e o fim do romance

GENTE NOVA

que devia sair neste número só poderá publicar-se no n.º de Setembro.

CHÁ DA COSTURA

— Que me dizes tu, Jana, daquela obra de crianças que as tuas amigas Menezes organizaram no ano passado? — perguntou Clara com interesse.

— Qual obra? Não me lembro... — respondeu Joana, cismática. Clara admirou-se.

— Não te lembras!! Pois tu falaste tanto dos projectos das Menezes, dos «chás» de caridade que arranjaram...

— De uma rifa estupenda... — meteu Rita.

— De um mah-jong na praia... — lembrou Al'ce. Joana deu uma estrondosa gargalhada.

— Não digam mais, meninas, já sei. A Xi Menezes é que andava tonta de todo com isso. Queria arranjar, no bairro delas, uma obra qualquer, fosse o que fosse. Dizia que era «chic» ter obras de caridade; e então ia organizar uma espécie de Escola Maternal.

— A ideia era boa, à parte a patetice de lhe chamar «chic». E depois? Em que ficou?

— Arranjaram algum dinheiro e uma pessoa do bairro cedia-lhes a casa, o que era bem bom. Chegaram, até, a Xi e a Pó, a inaugurar a Obra, com lanche às crianças, brinquedos e bibes! Mas ao fim de uns tres meses a Xi declarou que estava farta daquilo, e anda a organizar outra coisa, não sei bem o quê.

— Vêem vocês o que é a falta de *tenacidade*? — disse Clara, sinceramente indignada — Assim se inutilizam as melhores iniciativas, creiam!

— Tens tanta razão, Clara — exclamou Maria José — todos os anos, reparem bem, no começo do inverno, vemos surgir belos impetos de caridade prática: crianças a proteger, velhos a amparar...

— Rapazes a ensinar!

Maria José continuou:

— Raparigas a catequisar, etc. E toca a arranjar festas e mais festas para essas obras. Mas, como não há tenacidade, como tu dizes Clara, no fim do inverno o entusiasmo abranda...

— E não esqueço — tornou Clara, com desconsôlo — a resposta que me deu um dia a encantadora Conceição, sabem? quando lhe perguntei pela Casa de Trabalho, organisada por ela no ano anterior:

— O quê, você julga que vou continuar com aquilo? Só me interessa lançar uma ideia: mais nada! e nunca mais se ocupou da Casa de Trabalho.

— Oh Clara — disse Maria José, tristemente — Que saudades vamos ter destas costuras...

— Sempre é certo ires-te embora para o Porto? — perguntou Joana, desconsolada.

— Eu nunca mais dou um ponto... — comentou Rita, amuada; e Clara indignou-se:

— Oh queridas! não sejam ridículas, peço-lhes. Eu vou-me embora, sim, mas não é para sempre. . Daqui a uns meses voltaremos a ter os nossos alegres Chás da Costura!

BALÕES

EXISTEM, actualmente, brinquedos maravilhosos, que custam quase uma fortuna. Mas nem por isso certos brinquedos antigos, modestos de preço, deixam de agradar à gente miuda.

Por exemplo, os balões de borracha que cheios de gaz se elevam no ar.

Como eles me encantavam quando eu era pequena! E que desgosto quando me fugiam, desaparecendo no ar, ou os rebentava no atabalhoamento da brincadeira! O meu rico balãozinho!... Chorava, como ainda hoje as crianças choram, ao suceder-lhes igual desastre.

....

Porque será que ainda depois de crescidas nos ficam os olhos nos balões? E' a sua cor? a sua beleza? a sua tendência para subir que nos encanta? Não sei.

Mas como já não nos é dado andarmos a correr com balões presos em longos fios, criamos brinquedos semelhantes, com a nossa fantasia...

Sonhos frágeis que uma beliscadura esvazia — e a linda bola fica reduzida a um pobre farrapito... E choramos, como chorávamos noutro tempo, sem nos lembrarmos da fragilidade do brinquedo, que nos parece um mundo e não é nada!

Foto: Wyer

Somos crianças até morrer... E afinal é isto, talvez, o que dá encanto à vida. Precisamos de ter sempre nas mãos alguma bola de cores garridas, levesinha, a subir!

Nas tuas mãos de rapariga, que grande molho de *balões* eu vejo! Tantos sonhos alacres como os balões coloridos!

Toma cautela! Os balões não valem nada, mas quando nos fogem ou estoiram, deixam-nos a chorar! E os *balões* que são apenas aspirações frivolas e sonhos vãos, acabam sempre por fugir ou rebentar!

Mas se os teus *balões* não forem apenas uma brincadeira mas um ideal — ser boa, pura, alegre, afectuosa, útil — embora sejam mais levezinhos do que o próprio ar, resistirão a todos os embates da vida.

QUEM NOS MANDA FOTOGRAFIAS?

Aproveita as tuas férias para tirar fotografias e envia-as para o nosso Boletim. As que merecerem ser publicadas ser-te-ão pagas com uma assinatura de um ano do Boletim, a teu favor ou de outra pessoa que indicares.

Mas uma *boa* fotografia não é uma paisagem sem alma ou um grupo inexpressivo.

São cenas da vida apanhadas em flagrante, pormenores interessantes, atitudes sinceras, etc.